

UNIVERSIDADE FEEVALE

NATÁLIA LAUANA ESCOBAR DA ROSA

OS ACERVOS FOTOGRÁFICOS SOBRE A INDÚSTRIA COUREIRO-
CALÇADISTA DE NOVO HAMBURGO E AS MEMÓRIAS DO TRABALHO
NEGRO NO VALE DO SINOS

NOVO HAMBURGO

2023

NATÁLIA LAUANA ESCOBAR DA ROSA

OS ACERVOS FOTOGRÁFICOS SOBRE A INDÚSTRIA COUREIRO-
CALÇADISTA DE NOVO HAMBURGO E AS MEMÓRIAS DO TRABALHO
NEGRO NO VALE DO SINOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito
parcial à obtenção do grau de Licenciada em História pela
Universidade Feevale

Orientador: Prof. Dr. Norberto Kuhn Júnior

NOVO HAMBURGO

2023

NATÁLIA LAUANA ESCOBAR DA ROSA

Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História, com título: Os acervos fotográficos sobre a indústria coureiro-calçadista de Novo Hamburgo e as memórias do trabalho negro no Vale do Sinos, submetido ao corpo docente da Universidade Feevale, como requisito necessário para obtenção do grau de Licenciada em História.

Aprovado por:

Prof. Dr. Norberto Kuhn Júnior (Orientador)

Prof. Dr. Everton Rodrigo Santos (Banca examinadora)

Prof. Dr. Rodrigo Perla Martins (Banca examinadora)

Novo Hamburgo, ____ de junho de 2023.

AGRADECIMENTOS

Chegou a hora de agradecer todas as pessoas que, de alguma forma, contribuíram para minha caminhada acadêmica e para entregar esta monografia.

Escrever uma monografia não é uma tarefa fácil, é um trabalho árduo, demanda muitas horas de leituras, demanda meses de (re)escrita, dedicação, empenho, reflexão, diálogo com as fontes, indagação, hipóteses, dúvidas, solidão, conversas, mas também de expectativas e ansiedade pelo resultado final da monografia. Obrigada!

No início da minha carreira acadêmica no curso de História – Licenciatura, durante anos de estudos no curso, participei como bolsista de iniciação científica da Universidade Feevale de vários projetos de pesquisa científica, que foram primordiais para a minha formação acadêmica e profissional enquanto professora e pesquisadora, adquiri conhecimentos e aprendizagens magníficos, a todos estes projetos de pesquisa que participei sou muito grata. Obrigada!

Os projetos de pesquisa da Universidade Feevale me trouxeram para este assunto que desenvolvo na monografia, sendo bolsista da professora antropóloga Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha nos seguintes projetos: Etnografias dos fluxos urbanos de grupos étnico-raciais em bairros de Novo Hamburgo/RS; Estudo antropológico de memória do trabalho, patrimônio etnológico e inclusão social no mundo urbano contemporâneo (2012 a 2014); Memórias de paisagem, cotidiano e territorialidades; Estudo antropológico de processos de metropolização e itinerários dos grupos urbanos na região metropolitana de Porto Alegre-RS de bairros nas metrópoles contemporâneas (2015); e Estudo antropológico sobre colonialidade da natureza, memória ambiental e etnografia da duração no Vale dos Sinos/RS (2020 a 2021). Ao longo destes anos do curso da minha graduação da professora antropóloga Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha nos vários projetos de pesquisa, com trabalho de pesquisa etnográfica em campo, produzimos um acervo composto por vídeos, audiovisuais, crônicas etnográficas, acervo de entrevistas orais, acervo de imagens visuais/fotografias, todos ligados ao tema de pesquisa sobre memória do trabalho negro, memória ambiental, na sociedade urbano-industrial. A tudo isso sou muito grata. Obrigada!

Sou grata por ter sido bolsista de iniciação científica da Feevale no projeto: Contos do Vale: trabalho, memória ambiental e territorialidades na Bacia Hidrográfica

do Rio dos Sinos/RS (2021), com orientação da professora a antropóloga a Dra. Margarete Fagundes Nunes. Obrigada!

Sou grata por ter sido bolsista de iniciação científica da Feevale no projeto: Semiose como fundamento epistemológico para modelagem de processos de concepção, desenvolvimento e validação de jogos digitais educacionais, em suas interfaces com a cidadania (2022), com orientação do professor Dr. Norberto Kuhn Júnior. Obrigada!

Um agradecimento especial à professora antropóloga Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha, a quem tenho uma admiração e carinho, considerando-a uma amiga, uma “segunda mãe”, parceira de pesquisa, que, ao longo dos anos, no curso de História e sendo sua bolsista de iniciação científica na Universidade Feevale e no BIEV na UFRGS, conduziu meus estudos de antropologia e fez com que eu me apaixonasse pela pesquisa, tornando-me uma eterna aprendiz de antropologia. À professora antropóloga Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha agradeço por fazer parte da minha vida, das aprendizagens, dos conhecimentos, dos ensinamentos, das nossas conversas, da nossa convivência, aos conselhos de vida, a paciência, a tolerância comigo, às advertências, sempre focando na minha evolução pessoal, acadêmica e profissional no campo da História, para me tornar uma docente, pesquisadora e historiadora. Obrigada!

As duas pessoas que são minha base, meu alicerce, meus pais Amália e Gervaldo pelo apoio psicológico, pelo suporte material ao longo do curso para que eu me formasse como professora de história e historiadora. Obrigada!

Sou grata ao meu orientador o Dr. Norberto Kuhn Júnior por me orientar nesta monografia. Obrigada!

Sou grata pela professora antropóloga a Dra. Margarete Fagundes Nunes, pela parceria em pesquisa de campo. Obrigada!

Sou grata ao Cristian Leandro Metz pela parceria em pesquisa de campo. Obrigada!

Sou grata aos professores presentes na minha banca. Obrigada!

RESUMO

A presente monografia tem como tema os acervos fotográficos sobre a indústria coureiro-calçadista de Novo Hamburgo e as memórias do trabalho negro no Vale do Sinos. O objetivo geral é identificar os acervos da história da indústria calçadista do Vale do Sinos que relatam as contribuições do trabalho das populações negras nos curtumes de Novo Hamburgo, bem como verificar a percepção das lideranças negras sobre a visibilidade do trabalho das populações negras para o processo urbano e industrial da cidade. Os objetivos específicos são descrever o trabalho nos curtumes e nas indústrias calçadistas na região do Vale dos Sinos, através de relatos orais das condições de vida de trabalhadores negros nos curtumes; contribuir com os procedimentos da história oral para os estudos da memória do trabalho negro, através de entrevistas para a pesquisa da memória social, ambiental dos curtumes e do progresso urbano-industrial no Vale dos Sinos; apresentar o tratamento da história oral para a contribuição dos acervos de pesquisas de história visual; constituir a salvaguarda de fontes documentais (visuais e orais) para o projeto sobre a memória do trabalho sobre o setor coureiro-calçadista de Novo Hamburgo. A questão norteadora são as memórias do trabalho negro e o acervo do curtume Momberger sobre a indústria coureiro-calçadista em Novo Hamburgo. Tendo em vista que os acervos de fotografias de museus e centros de documentação consultadas apontam para a ausência de registros sobre a vida de trabalhadores negros de curtumes e indústrias de calçados, pautada pelo culto à herança germânica na região, justifica-se a elaboração deste trabalho. A metodologia ocorre a partir da análise de conteúdo de acervos documentais de coleções fotográficas e de narrativas orais e, posteriormente, apresenta o tratamento da história oral para acervos de pesquisas reunidos pelo projeto. Como resultados parciais foi possível contextualizar a importância em usar as fotografias e relatos como fonte de pesquisa para abordar este tema em específico e contextualizar o trabalhador negro nos espaços da indústria coureiro-calçadista em Novo Hamburgo.

PALAVRAS-CHAVE: Trabalho Negro. História Visual. Memória Oral.

RESUMEN

Esta monografía tiene como tema los acervos fotográficos sobre la industria de cuero y calzados de Novo Hamburgo y las memorias de trabajo esclavo en Vale Do Sinos. El objetivo general es identificar los acervos de la historia de la industria de calzados de Vale do Sinos que relatan las contribuciones del trabajo forzoso de la población negra en las curtiembres de Novo Hamburgo, así como verificar la percepción de líderes negros sobre la visibilidad del trabajo forzoso para el progreso urbano e industrial de Novo Hamburgo. Los objetivos específicos son describir el trabajo en curtiembres y en industrias de calzados en la región de Vale dos Sinos, a través de relatos orales sobre las condiciones de vida de trabajadores negros en curtiembres de la ciudad; contribuir para los procedimientos de la historia oral para estudios de la memoria de curtiembres y el progreso urbano industrial en Vale dos Sinos; presentar el tratamiento de la historia oral para la contribución de acervos de búsqueda de historia visual; constituir una salvaguardia de fuentes documentales (visuales y orales) para el proyecto sobre la memoria de trabajo sobre el sector de cuero y calzado de Novo Hamburgo. La pregunta guía son las memorias del trabajo forzoso de negros y el acervo de la curtiembre Momberger sobre la industria de cuero y calzado en Novo Hamburgo. Teniendo en cuenta que los acervos de fotografías de museos y centros de documentación consultadas apuntan para la ausencia de registros sobre la vida de trabajadores negros de curtiembres e industria de calzados, basada en el culto a la herencia germánica en la región, se justifica la elaboración de este trabajo. La metodología ocurre a partir de análisis de contenido de acervos documentales de colecciones fotográficas y de narrativas orales y, posteriormente, presenta el tratamiento de la historia oral para acervos de búsqueda reunidos por el proyecto. Como resultados parciales fue posible contextualizar el trabajador negro en los espacios de la industria de cuero y calzado en Novo Hamburgo.

PALABRAS-CLAVE: Trabajo forzoso. Historia Visual. Memoria oral.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Curtume Momberger.....	49
Figura 2: Curtume Momberger.....	50
Figura 3: Curtume Momberger.....	51
Figura 4: Curtume Momberger.....	52
Figura 5: Curtume Momberger.....	53
Figura 6: Curtume Momberger.....	54
Figura 7: Curtume Momberger.....	55
Figura 8: Curtume Momberger.....	56
Figura 9: Curtume Momberger.....	57
Figura 10: Curtume Momberger.....	58
Figura 11: Curtume Momberger.....	59
Figura 12: Curtume Momberger.....	60
Figura 13: Curtume Momberger.....	60
Figura 14: Curtume Momberger.....	61
Figura 15: Curtume Momberger.....	62
Figura 16: Curtume Momberger.....	63
Figura 17: Curtume Momberger.....	64
Figura 18: Curtume Momberger.....	65
Figura 19: Curtume Momberger.....	66
Figura 20: Curtume Momberger.....	67
Figura 21: Curtume Momberger.....	68
Figura 22: Curtume Momberger.....	69
Figura 23: Curtume Momberger.....	70
Figura 24: Curtume Momberger.....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS: MEMÓRIA ORAL E HISTÓRIA VISUAL.....	13
2.1 MEMÓRIA ORAL	14
2.2 HISTÓRIA VISUAL	18
3 CONTEXTO HISTÓRICO DO TRABALHO ESCRAVO E CONTINUIDADE DO SISTEMA ESCRAVISTA EM FAMÍLIAS GERMÂNICAS.....	24
3.1 RELATO DE VÓ NAIR.....	25
3.2 FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO	30
3.3 NA LITERATURA DE ÀRSENE ISABELLE	31
3.4 CURTUMES	33
4 MODERNIZAÇÃO INDUSTRIAL E A INCORPORAÇÃO DO TRABALHO NEGRO NAS INDÚSTRIAS A PARTIR DE RELATOS.....	37
4.1 RELATO DE FLÁVIO ELIAS DA SILVA	37
4.2 RELATO DE ARI JOAQUIM DA COSTA.....	39
4.3 RELATO DE VALDEMAR DA SILVA	41
5 MEMÓRIAS DO TRABALHO NEGRO A PARTIR DE ACERVO FOTOGRÁFICO DA INDÚSTRIA COUREIRO-CALÇADISTA	48
5.1 ACERVO CURTUME MOMBERGER	48
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS.....	76

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como tema os acervos fotográficos sobre a indústria coureiro-calçadista de Novo Hamburgo e as memórias do trabalho negro no Vale do Sinos.

O objeto de estudo são os registros documentais da história do Curtume Momberger, à luz das memórias de trabalhadores negros que atuaram na indústria coureiro-calçadista de Novo Hamburgo, reunidos pelos Projetos: Estudo antropológico sobre colonialidade da natureza, memória ambiental e etnografia da duração no Vale dos Sinos/RS e Contos do Vale: trabalho, memória ambiental e territorialidades na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.RS/Brasil (2020-2021), realizado da Universidade FEEVALE (Programa de Pós-graduação em Diversidade cultural e inclusão social/PPGDIVER) em parceria com a UFRGS no BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS), juntamente com a história oral, memória oral dos trabalhadores negros que relatam sobre o seu trabalho na indústria coureiro-calçadista e que são um contraponto aos relatos da cultura germânica de Novo Hamburgo e Vale do Sinos.

A delimitação do tema são as contribuições de procedimentos da história visual (fotografia) e da memória oral (entrevistas) para o tratamento documental dos registros documentais do trabalho negro e da visibilidade e importância para a História do trabalho negro como parte do legado da indústria coureiro-calçadista na região do Sinos, tendo como foco os acervos fotográficos do Curtume Momberger, que fazem parte dos acervos da memória da indústria coureiro-calçadista de museus e de narrativas biográficas de trabalhadores negros na indústria coureiro-calçadista, ambos reunidos pelos Projetos: Estudo antropológico sobre colonialidade da natureza, memória ambiental e etnografia da duração no Vale dos Sinos/RS e Contos do Vale: trabalho, memória ambiental e territorialidades na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.RS/Brasil (2020-2021), realizado da Universidade FEEVALE (Programa de Pós-graduação em Diversidade cultural e inclusão social/PPGDIVER) em parceria com a UFRGS no BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS).

O objetivo geral é identificar os acervos da história da indústria calçadista do Vale do Sinos que relatam as contribuições do trabalho das populações negras nos curtumes de Novo Hamburgo, verificando a percepção das lideranças negras sobre a visibilidade do trabalho das populações negras para o processo urbano e industrial de Novo Hamburgo.

Tem como justificativa a ausência de registros documentais da vida de trabalhadores negros de curtumes e indústrias de calçados nos acervos de fotografias de museus e centros de documentação consultadas, resultando na invisibilidade da presença dessa mão de obra na memória do trabalho da região, nos relatos oficiais, na construção da paisagem urbana-industrial de Novo Hamburgo, pautada pelo culto a herança germânica na região. Invisibilidade da presença, contribuição, através de documentos fotográficos do trabalho e das condições de vida de homens e mulheres negras para a consolidação do setor coureiro-calçadista. Utilizam-se as imagens do acervo do Curtume Momberger pela qualidade e quantidade de fotografias ao retratar o ambiente interno, os trabalhadores e os maquinários no processo de fabricação do couro. Sendo o acervo mais completo do mundo do trabalho no curtume no Vale do Sinos.

Tem como relevância a minha participação como bolsista de iniciação científica na Universidade Feevale, nos anos de 2012 a 2021, nos vários projetos de pesquisa ao longo dos anos, com orientação da professora antropóloga Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha, e juntamente com a professora antropóloga Dra. Margarete Fagundes Nunes, em que reuni, através de pesquisas de campo, idas a museus e centros de documentação, fontes documentais do conjunto de acervo visual/fotográfico sobre o mundo do trabalho na indústria coureiro-calçadista com enfoque na questão étnico-racial, também sobre as transformações urbanas de Novo Hamburgo, sobre a memória ambiental, com o intuito de montarmos um acervo institucional, ou seja, um banco de conhecimentos virtual sobre estes temas relacionados aos projetos de pesquisa acadêmicos. Desde o ano de 2021, todo este acervo está sob o domínio e salvaguarda pertencente ao BIEV/UFRGS.

O recorte teórico é um acervo de fotografias, porém não temos a memória daquele trabalho e daqueles equipamentos dentro do curtume, sendo assim a importância do levantamento dos dados a serem obtidos para o acervo do Curtume Momberger, sobre as informações das fotografias e dos trabalhadores negros no Curtume.

A questão norteadora são as memórias do trabalho negro e os acervos fotográficos em específico do curtume Momberger sobre a indústria coureiro-calçadista em Novo Hamburgo.

Como resultados parciais, busca-se contextualizar a importância em usar as fotografias, relatos e entrevistas como fonte de pesquisa para abordar este tema em específico, além de contextualizar o trabalhador negro nos espaços de trabalho na indústria coureiro-calçadista em Novo Hamburgo.

E para atingir esses resultados, os objetivos específicos são:

1. Descrever o trabalho nos curtumes e nas indústrias calçadistas na região do Vale dos Sinos através dos relatos orais das condições de vida das populações negras e de trabalhadores negros nos curtumes de Novo Hamburgo.
2. Contribuir com os procedimentos da história oral para os estudos da memória do trabalho negro mediante entrevistas para a pesquisa da memória social, ambiental dos curtumes e do progresso urbano-industrial no Vale dos Sinos.
3. Apresentar o tratamento da história oral para a contribuição dos acervos de pesquisas de história visual reunidos pelo projeto.
4. Constituir a salvaguarda de fontes documentais (acervos fotográficos e de entrevistas) para o projeto sobre a memória do trabalho sobre o setor coureiro-calçadista de Novo Hamburgo, por meio de consultas a museus e centros de documentação.

A metodologia foi a análise de conteúdo de acervos documentais de coleções fotográficas e de narrativas orais, bem como apresentar o tratamento da história oral para acervos de pesquisas reunidos pelos Projetos: Estudo antropológico sobre colonialidade da natureza, memória ambiental e etnografia da duração no Vale dos Sinos/RS e Contos do Vale: trabalho, memória ambiental e territorialidades na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.RS/Brasil. (2020-2021), realizado da Universidade FEEVALE (Programa de Pós-graduação em Diversidade cultural e inclusão social/PPGDIVER) em parceria com a UFRGS no BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS).

A metodologia utilizada tem por base:

1. Narrativas orais (memória oral/história oral) das seguintes coleções: Adolfo Antônio Klein, Ari Joaquim da Costa (In Memoriam), Flávio Elias da Silva,

Nair Leopoldina de Oliveira – Vó Nair (In Memoriam, faleceu em 2019, aos 101 anos de idade), Siegfried Momberger, Valdemar da Silva. Todas as narrativas orais são dos projetos de pesquisa das professoras antropólogas Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha e da Dra. Margarete Fagundes Nunes. Além dos autores Goff (2003) e Bosi (1994).

2. Realização de entrevista não diretivas com Sr. Siegfried, ex-dono do curtume Momberger.
3. História visual de acervos/coleções fotográficas do curtume Momberger e da indústria coureiro-calçadista. Fonte: Centro de Documentação Luci Teresinha Bridi/Feevale. Além dos autores: Mauad (1996), Kossoy (2001), Meneses (1998), Goff (2003), Burke (2004), Monteiro (2012) e Samain (2012).

As metodologias detalhadas das narrativas orais estão apresentadas no capítulo 2 sendo que os capítulos desta monografia compreendem:

Capítulo 2, Considerações metodológicas: Memória oral e história visual, que abordará um breve histórico de vida dos personagens das narrativas orais, as contribuições dos autores sobre os temas de memória e história visual, relatos orais de Valdemar da Silva e a relevância do acervo visual/fotográfico dentro dos temas do capítulo.

Capítulo 3, Contexto histórico do trabalho negro e o trabalho para as famílias germânicas em Novo Hamburgo, abordando características da escravidão, as narrativas orais de Vó Nair e do Sr. Adolfo Antônio Klein, a importância do linho cânhamo, a literatura europeia que descreveu a região, o início dos curtumes incluindo principalmente o Curtume Momberger.

Capítulo 4, Modernização industrial e incorporação do trabalho negro nas indústrias (relatos acerca do trabalho negro), que aborda as narrativas orais de Flávio Elias da Silva, Ari Joaquim da Costa, Valdemar da Silva sobre a memória do trabalho negro na indústria coureiro-calçadista, as trajetórias profissionais dos personagens, a memória ambiental dos curtumes nos arroios de Novo Hamburgo.

Capítulo 5, Memórias do trabalho negro em acervos fotográficos sobre a indústria coureiro calçadista: A narrativa oral da entrevista realizada com seu Siegfried Momberger em 2022 sobre a memória do acervo visual/fotográfico do Curtume Momberger, mostrando também imagens do acervo e dos maquinários.

2 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS: MEMÓRIA ORAL E HISTÓRIA VISUAL

Neste capítulo, abordaremos detalhadamente as metodologias utilizadas para esta monografia.

Em Memória oral, apresentamos as contribuições teóricas dos seguintes autores: Goff (2003) e Bosi (1994), mediante narrativas orais, entrevistas dos personagens usados ao longo de todos os capítulos da monografia:

1. Adolfo Antônio Klein – Cargo/Função: Diretor da AIC (Associação das Indústrias de Curtumes) Sul. Empresário. Data da Entrevista: 19/08/2014. Fundo de Origem: Projeto Etnografia Visual dos Curtumes do Vale do Rio dos Sinos: Memória do Trabalho e Memória Ambiental. Feevale (2013-2016).
2. Ari Joaquim da Costa – Profissão: Operário, aposentado no ano de 1983. Nascimento: 1935. Morador do bairro Guarani em Novo Hamburgo. Data da Entrevista: 10/07/2010, na época da entrevista tinha 74 anos de idade. Estado civil: Casado. Fundo de Origem: As Comunidades Negras do Vale dos Sinos e a Memória do Trabalho. Feevale (2010-2012).
3. Flávio Elias da Silva – Profissão: Operário, aposentado. Morador do bairro Operário em Novo Hamburgo. Data da Entrevista: 12/07/2010, na época da entrevista tinha 69 anos de idade, e fazia 11 anos que estava aposentado. Estado civil: Viúvo. Fundo de Origem: As Comunidades Negras do Vale dos Sinos e a Memória do Trabalho. Feevale (2010-2012).
4. Nair Leopoldina de Oliveira (Vó Nair) – Nasceu 1918. Profissão: Benzedeira. Entrevista: 2012. Moradora do bairro Operário em Novo Hamburgo. Na época da entrevista tinha 94 anos de idade.
5. Siegfried Momberger – Composto por duas entrevistas em anos distintos. Profissão: Ex-proprietário do Curtume Momberger. Aposentado em 1978, aposentadoria especial por trabalhar em curtume. Nascimento: 1937, localidade: Hospital Regina. Estado civil: Viúvo. Morador do bairro centro de Novo Hamburgo. A) Data da entrevista: 03/07/2014. Fundo de Origem: Projeto Etnografia Visual dos Curtumes do Vale do Rio dos Sinos: Memória do Trabalho e Memória Ambiental. Feevale (2013-2016). B) Data da

entrevista: 14/12/2022. Fundo de origem: reunidos pelos Projetos: Estudo antropológico sobre colonialidade da natureza, memória ambiental e etnografia da duração no Vale dos Sinos/RS e Contos do Vale: trabalho, memória ambiental e territorialidades na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.RS/Brasil. (2020-2021), realizado da Universidade FEEVALE (Programa de Pós-graduação em Diversidade cultural e inclusão social/PPGDIVER) em parceria com a UFRGS no BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS).

6. Valdemar da Silva – Profissão: Modelista de calçados, aposentado no ano de 2008. Nascimento: 1950. Morador do bairro Guarani em Novo Hamburgo. Data da Entrevista: 07/08/2010. Na época da entrevista tinha 60 anos de idade. Estado civil: Casado.

Em História visual, apresentaremos as contribuições teóricas dos autores Mauad (1996), Kossoy (2001), Meneses (1998), Goff (2003), Burke (2004), Monteiro (2012), Samain (2012) para embasar as imagens (detalhadas no capítulo 5), fotografias, e o acervo fotográfico do Curtume Momberger (detalhadas no capítulo 5).

2.1 MEMÓRIA ORAL

As ciências humanas, entre elas a História e a Antropologia, trabalham muito com o conceito de memória, significando (re)lembrar fatos passados. A memória nos permite ler o passado no presente. E para esta pesquisa da monografia, utilizamos as fontes documentais de entrevistas dos personagens em relatos biográficos e etnobiográficos, para através da memória oral compor a história oral de cronologia e recorte histórico temporal sobre o trabalho operário negro na indústria coureiro-calçadista no Vale do Rio dos Sinos.

As entrevistas foram essenciais para esta pesquisa na medida em que os acervos enaltecem a imigração germânica e o desenvolvimento da região do Vale dos Sinos, mas não destacam as populações de trabalhadores negros nos setores da indústria coureiro-calçadista.

Desse modo, elaboramos um roteiro de perguntas com o objetivo de extrair informações sobre trabalhadores negros nos curtumes da região. No caso da entrevista com o Sr. Siegfried Momberger, realizada em dezembro de 2022, foram levados o roteiro e o acervo fotográfico do curtume, para auxiliar a sua memória sobre os

equipamentos no tratamento do couro e lembrar se havia funcionários negros no curtume.

Nessa entrevista, e nas anteriores já realizadas do projeto das quais uso, aparecem memórias e experiências de vida que se cruzam com os imigrantes alemães, com os negros, e com a formação identitária de Novo Hamburgo, de paisagens, residências, transformações urbano-industriais da cidade que não existe mais, de moradores que já nos deixaram nesta vida terrena, como a Vó Nair, que deixou seu legado excepcional e magnífico como benzedeira na minha memória, na memória de minha mãe, de minha família, que me viu crescer desde bebê, frequentando seu cantinho de rezas, e na memória de outros alemães das quais a Vó Nair como babá criou e educou os filhos dos brancos que ao longo da trajetória foram empresários, e pessoas de renome conhecido na região. São memórias transgeracionais que com a utilização da história oral e da memória oral recobramos o passado para o presente. A memória é fantástica, conseguimos (re)lembrar de fatos ocorridos com exatidão e isso nos marcou profundamente, como nos traz Le Goff sobre o lembrar e o esquecer:

Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva. (GOFF, 2003, p. 422)

O processo de esquecimento é inerente ao ser humano pelos aspectos biológicos ligados às fases da vida. A memória oral é uma forma de registrar documentalmente, arquivística e historicamente, fatos e acontecimentos, sendo uma salvaguarda do esquecimento.

O estudo que proponho sobre os trabalhadores negros nos curtumes de Novo Hamburgo, o trabalho negro, os equipamentos dos curtumes, a entrevista com um descendente de imigrantes alemães, trabalhador e ex-dono do curtume Momberger, seu Siegfried, sobre sua memória vai ao encontro do que diz Le Goff: “O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento” (GOFF, 2003, p. 422). Retraimento ao não ser (re)lembrada e transbordamento ao ser revisitada, indagada em conversas e entrevistas.

A autora Bosi aborda em sua obra o conceito do autor Bergson, trazendo a memória-hábito ou memória-motora, que é a memória da qual fomos moldados os

comportamentos, juntamente com a socialização e a interação. É a memória de saber fazer algo, como na narrativa oral do seu Valdemar, um trabalhador negro, modelista em fábricas de calçados, que relatou o início da carreira como modelista na empresa:

O seu Alzemiro era modelista da Calçados Zeraide, e eu tinha por ai meus dezesseis anos... É dezesseis anos por aí, e eu ficava observando ele fazer o modelo, e lá pelas tantas eu disse: - Seu Alzemiro, o Senhor deixa eu fazer um modelo? - Deixo pode fazer! E aí, eu fui na bancada dele lá, na mesa de modelagem né! E comecei a mexer com aqueles papéis, aquelas cartolinas, aquelas formas, e tal... Eu achei uma forma lá que dava mais ou menos no meu pé, e disse: “Vou fazer um modelo!” E comecei a fazer, comecei a fazer e daqui a pouco eu perguntava uma coisinha para ele e dizia, me explicando. Olha, eu fiz um modelo dos mais difíceis que tem para um modelista fazer hoje, fazer ele bem feito, um mocassim tubular. Tinha modelo que envolve toda a parte de baixo da forma, e costurado manualmente em cima, uma pala em cima, pois não é que eu fiz um sapato para mim mesmo. Não ficou perfeito né, mas para mim foi uma obra de arte, quando eu vi aquilo pronto eu disse: - Nossa será que eu posso fazer? (Trecho da entrevista do seu Valdemar da Silva, em 07/08/2010, informação textual e audiovisual)

O seu Valdemar teve o interesse em aprender a fabricar calçados, e seu Alzemiro o ensinou na prática, o comportamento pela memória para que o seu Valdemar conseguisse realizar a tarefa de montar um calçado. Dessa maneira, a memória-hábito de trabalhar depois como modelista por anos em fábricas de calçados como uma profissão e a memória-motora de usar as habilidades e aprendizagens para confeccionar os calçados.

A autora Bosi traz o conceito de Bergson que: “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (BOSI, 1994, p.53). De fato, a pessoa só tem lembranças do passado, de coisas que ela viveu, pois não se pode lembrar de coisas que não se viveu. E essas aflorações da consciência em imagens-lembranças pode ser facilitadas e ser um “gatilho” ao apresentar fotografias sobre um passado, um acontecimento que uma pessoa viveu, e foi isso que tentei realizar ao entrevistar seu Siegfried, mostrando-o as imagens de equipamentos e de processamento do tratamento com os couros, alguns ele reconheceu (por já ter manuseado), e outros, não, pois não tinha lembranças de equipamentos e localidades que ele não chegou a atuar.

Já para Halbwachs, “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p.55). A pessoa não está no momento daquele acontecimento/fato (do passado) sobre a qual o questionamos no presente, por isso, as imagens e ideias de hoje

(do presente) servem para ajudar a explicar e relatar as experiências do passado das quais viveu. E isso seu Siegfried fez, trouxe itens e objetos para explicar com mais facilidade e compreensão sobre algum processo ou equipamento em específico na produção do couro, relatando que atualmente os equipamentos são diferentes, mais modernos com outra tecnologia.

A autora Bosi traz a comparação da memória do adulto com a memória do idoso. Para ela, a memória do adulto está lá como um sonho quando precisa ser lembrada, o adulto está preocupado com o presente. Já o idoso tem a sua memória já formada, pois já viveu e experienciou a sociedade, pois entende que a sociedade é assim, e já acompanhou as mudanças da sociedade. A memória do seu Siegfried na entrevista estava formada, lembrando das etapas e processo do trabalho com os couros e os maquinários.

O homem adulto, novo e jovem, fornece o sustento e sobrevivência do seu grupo na sociedade (estuda, trabalha, constitui família), tem uma vida ativa e atuante na sociedade, não tendo interesse e tempo para lembrar de seu passado.

Há um momento em que o homem maduro deixa de ser um membro ativo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento de velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade. (BOSI, 1994, p.63)

Essa lembrança está na memória, tem um peso na sociedade “[...] portanto, para o velho uma espécie singular de obrigação social, que não pesa sobre os homens de outras idades: a obrigação de lembrar, e lembrar bem” (BOSI, 1994, p.63).

A autora também afirma que o indivíduo, a sua velhice e posterior processo de degradação senil começa cedo, desde a exploração do trabalhador pela sociedade, seja em qualquer área profissional, como a sociedade do consumo, do capitalismo, da competição, por obter lucros, vai desgastando aos poucos os indivíduos.

Como aborda a autora, “hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza cronologicamente” (BOSI, 1994, p.89). As fotografias mostradas ao seu Siegfried na entrevista contribuem para que possamos organizar de forma escrita, documentada e registrada a memória do seu Siegfried sobre as fotografias, o seu trabalho, o processo de tratamento até a finalização dos couros para outras fábricas para que montassem os sapatos e calçados na região do Vale do Sinos. Foi fundamental e essencial a entrevista com o seu Siegfried para entendermos,

compreendermos e “montarmos” este quebra-cabeça sobre o couro e todo o processo de preparação e dos equipamentos nas fotografias do acervo. Havia funcionários negros no curtume como nos relatou seu Siegfried, mas não estão retratados nas fotografias do acervo, mas esses trabalhadores também fazem parte da memória do setor coureiro-calçadista.

2.2 HISTÓRIA VISUAL

Em História Visual abordaremos brevemente o início da fotografia, o surgimento, sua mudança e transformação histórica (desde tecnologia, os diferentes usos, importância, significados e simbologia pelos indivíduos), até tornarem-se as fotografias, imagens como uma fonte histórica para pesquisadores e para minha área de formação profissional em História.

A fotografia como conhecemos hoje, de podermos e ter a facilidade e praticidade de tirar uma foto pela tela do celular não foi sempre assim ao longo da História.

A fotografia é da década de 1830, criada por Niépce e Daguerre. Na fotografia, parafraseando Maud, tem a fotografia que o sujeito vê e tem a elaboração da imagem além do que enxergamos. A fotografia é a representação do real, mas envolve um conjunto de técnicas e regras para a sua elaboração.

A fotografia permeia nosso cotidiano através das mídias sociais, retratando acontecimentos, eventos e fatos. Também fotografamos momentos e situações que têm um significado especial para nós, a família, os filhos. Como aborda Maud (1996, p. 5), “Apreciamos fotografias, as colecionamos, organizamos álbuns fotográficos, onde narrativas engendram memórias. Desde a sua descoberta até os dias de hoje a fotografia vem acompanhando o mundo contemporâneo, registrando sua história numa linguagem de imagens”.

Porém, nem sempre foi assim, a historiografia tradicional de textos escritos (documentos) usados pelos historiadores, acabou não suprimindo as dúvidas, questionamentos, e os historiadores precisaram de outras fontes para responder às suas inquietações, como explica Maud:

Novos temas passaram a fazer parte do elenco de objetos do historiador, dentre eles a vida privada, o cotidiano, as relações interpessoais etc. Uma micro-história que, para ser narrada, não necessita perder a dimensão macro, a dimensão social, totalizadora das relações sociais. Neste contexto uma

história social da família, da criança, do casamento, da morte etc. passou a ser contada, demandando, para tanto, muito mais informações que os inventários, testamentos, curatela de menores, enfim, tudo o que uma documentação cartorial poderia oferecer. A tradição oral, os diários íntimos, a iconografia e a literatura apresentaram-se como fontes históricas da excelência das anteriores, mas que demandavam do historiador uma habilidade de interpretação com a qual não estava aparelhado. Tornava-se imprescindível que as antigas fronteiras e os limites tradicionais fossem superados. (MAUAD, 1996, p. 6)

A aproximação da História com as outras áreas humanas como a Antropologia e a Sociologia ajudaram o historiador a interpretar as informações “ocultas” das fotografias. Além disso, como aborda Maud:

A fotografia é uma fonte histórica que demanda por parte do historiador um novo tipo de crítica. O testemunho é válido, não importando se o registro fotográfico foi feito para documentar um fato ou representar um estilo de vida. No entanto, parafraseando Jacques Le Goff, há que se considerar a fotografia, simultaneamente como imagem/documento e como imagem/monumento. No primeiro caso, considera-se a fotografia como índice, como marca de uma materialidade passada, na qual objetos, pessoas, lugares nos informam sobre determinados aspectos desse passado - condições de vida, moda, infraestrutura urbana ou rural, condições de trabalho etc. No segundo caso, a fotografia é um símbolo, aquilo que, no passado, a sociedade estabeleceu como a única imagem a ser perenizada para o futuro. Sem esquecer jamais que todo documento é monumento, se a fotografia informa, ela também conforma uma determinada visão de mundo. (MAUAD, 1996, p. 8)

A fotografia é uma forma de registro do passado, do acontecimento para o momento presente, pois este passado retratado não existe mais, e a fotografia retratada é uma forma de visão, de representação do fotógrafo. O historiador e o pesquisador precisam olhar de forma crítica as fotografias, refletir, questionar, indagar, perguntar: o que será que o fotógrafo teve a intenção e objetivo de registrar tal acontecimento ou fato? O que este registro de imagens quer revelar por detrás dessas cores seja em colorido ou em preto e branco?

A fotografia e a sua produção, conforme a autora Maud (1996, p. 9), “foi privilégio da classe dominante [...]”, devido ao “controle dos meios técnicos de produção cultural, até por volta da década de 50” (MAUD, 1996, p. 9). Sendo assim, a classe dominante determinava e escolhia quem iria aparecer na fotografia, desde o vestuário, atitudes, comportamentos, até os objetos e paisagens que compõem o cenário de onde a fotografia irá ser realizada e para qual público irá se destinar. Além disso, ter

uma câmera fotográfica tinha um custo elevado, não sendo acessível às pessoas de variadas classes sociais.

Parafraseando a autora para interpretar e perceber a fotografia necessita-se educar o olhar. E sendo a fotografia um veículo de informação e cultura, a autora Maud diz que:

No caso da fotografia, os veículos incluem desde os tradicionais álbuns de retrato até os bytes de uma imagem digitalizada, podendo a circulação limitar-se ao ambiente familiar ou ampliar seus caminhos navegando pela Internet. Já a situação de consumo é direcionada para um destinatário, seja ele um apaixonado que guarda o retrato de sua amada como uma relíquia, seja um banco de memória que armazenará a imagem fotográfica, até que alguém acesse a informação e assuma o papel de leitor/destinatário. (MAUAD, 1996, p. 9)

As fotografias do acervo sobre o curtume Momberger são digitais, não as temos fisicamente. É um acervo digital de pesquisa científica acadêmica, tendo como objetivo um banco de dados de conhecimento virtual, de acesso a pesquisadores e ao público em geral.

Para Maud (1996, p. 10), “Do ponto de vista temporal, a imagem fotográfica permite a presentificação do passado, como uma mensagem que se processa através do tempo [...]”. O historiador e pesquisador precisa ler as fotografias. A imagem não fala por si só; é necessário que as perguntas sejam feitas.

O autor Kossoy aborda “toda fotografia tem sua origem a partir do desejo de um indivíduo que se viu motivado a congelar em imagem um aspecto dado do real, em determinado lugar e época” (KOSSOY, 2001, p. 36).

Diante disso, pode-se supor que as fotografias do acervo do curtume Momberger, que não se tem a informação de quem as fotografou, tinha como objetivo e intenção de registrar o interior do curtume, o processo do tratamento do couro, e os funcionários que ali trabalhavam. Além do que “a imagem do real retida pela fotografia [...] fornece o testemunho visual e material dos fatos aos espectadores ausentes da cena. A imagem fotográfica é o que resta do acontecido, fragmento congelado de uma realidade passada, informação maior de vida e morte [...]” (KOSSOY, 2001, p. 36-37).

As fotografias do acervo do curtume Momberger retratam os equipamentos, os trabalhadores, o tratamento do couro para os demais indivíduos não presentes na cena e nas fotografias, possibilitando que, por exemplo, pessoas, como eu, tenham o conhecimento através das fotografias e da entrevista com seu Siegfried, de como é o

trabalho dentro de um curtume, o processo de tratamento do couro, os trabalhadores divididos em setores, se teve trabalhadores negros nos setores e nas fotografias. Assim como eu, outras pessoas, não trabalhando dentro de um curtume, não conheçam esse funcionamento, e apenas tendo o conhecimento de ir em lojas do comércio e ver produtos de couros à venda, mas não conhecendo todo este processo de produção e tratamento do couro até sair pronto para as outras fábricas.

O acervo do curtume Momberger podemos dividir em coleções, conforme o recorte histórico temporal do assunto a ser pesquisado. O autor Meneses (1998) diz que as coleções são autobiográficas, e no caso do acervo/coleções das fotografias sobre o curtume Momberger, com toda a produção e tratamento do couro, desde a sua chegada ao curtume do couro dito “cru” até a saída dele pronto para a indústria calçadista, mostrando os equipamentos e os funcionários trabalhando em cada setor, é um acervo/coleção autobiográfico e institucional sobre a indústria coureiro-calçadista em Novo Hamburgo que saiu da “gavetinha” de onde estava guardado para se tornar uma fonte de identidade (Meneses 1998), visibilidade e estudos nas nossas mãos para compor o acervo institucional do projeto de pesquisa Crônicas/Contos do Vale dos Sinos da Universidade Feevale em parceria do BIEV/UFRGS. O acervo/coleção sobre o curtume Momberger é de fundamental relevância histórica, museal, social, cultural, étnica e racial, sim, porque nestas fotografias há ausência de trabalhadores negros no curtume, mas é de conhecimento das entrevistas de fonte oral, de memória oral e de história oral com os personagens como os alemães Sr. Adolfo Antônio Klein e o ex-dono do curtume Momberger (herdeiro, neto, do Albino Momberger) que relatou na entrevista haver trabalhadores negros nos curtumes.

Assim, a fotografia “guarda a memória do tempo e da evolução cronológica.” (GOFF, 2003, p. 460). Um tempo dos equipamentos para trabalhar o couro, equipamentos que não existem mais, e os curtumes, os prédios que foram demolidos, não sobrou ruínas, mas ficou o tempo eternizado no acervo de fotografias, mas não o relato dos trabalhadores negros da indústria coureiro-calçadista, o que conseguimos com a história oral e memória oral.

Segundo Burke, “[...] imagens, assim como textos e testemunhos orais, constituem-se numa forma importante de evidência histórica” (BURKE, 2004, p. 17). Além disso, as “imagens são testemunhas mudas, e é difícil traduzir em palavras o seu testemunho” (BURKE, 2004, p. 18). Por isso, quando possível para as pesquisas, os historiadores, no nosso caso, para este tema do qual abordamos nesta monografia,

utilizamos das entrevistas de fontes orais para ajudar a contar a memória dos equipamentos do curtume e dos seus funcionários, dos trabalhadores negros.

Em sua obra Charles Monteiro através de Knauss diz o seguinte:

Existem duas grandes perspectivas de estudo da cultura visual, uma mais restrita, que procura tratar da experiência visual da sociedade ocidental na atualidade (marcada pela imagem digital e virtual), e outra mais abrangente, que permite pensar diferentes experiências visuais ao longo da história em diversos tempos e sociedades”. (MONTEIRO, 2012, p.10)

De fato, as fotos do acervo do Momberger para compor o acervo da pesquisa, não as tenho fisicamente e sim apenas no digital e virtual, mas isso não tira sua importância e relevância para a pesquisa. Atualmente, a sociedade tem se utilizado das fotografias digitais e virtuais e menos no físico. Provavelmente as fotografias do acervo do Curtume Momberger foram digitalizadas. É a evolução tecnológica para lidarmos com as fotografias.

“A imagem emerge de uma troca simbólica e de um simulacro fabricado para enfrentar a destruição provocada pela passagem do tempo, agenciar a memória, manter a coesão social e, também, exercer o controle político” (MONTEIRO, 2012, p.11). As fotografias do acervo Momberger possibilitam o conhecimento do processo de trabalho, se teve trabalhadores negros, suas funções e setores, conhecer o processo de tratamento do couro, os equipamentos, a mudança, transformação e evolução da sociedade e dos meios de trabalhos, pois sem estas imagens visuais talvez não teríamos os conhecimentos sobre isso, visto que, talvez, alguns equipamentos não existem mais. A imagem é uma forma de trazer o presente da ausência da cena em questão que não existe mais, mas está congelada no tempo, e dá-lhe significados e representações.

“[...] a fotografia em uma fototeca ou acervo iconográfico tem usos e significados muito diversos daqueles para os quais foi produzida pelo fotógrafo no passado, bem como a reutilização de imagens na imprensa, em manuais ou em livros de história agregam ou transformam os significados das imagens a partir de outro contexto de recepção.” (MONTEIRO, 2012, p.14)

O fotógrafo que tirou as fotos do acervo do curtume Momberger talvez não tinha e não sabia que as fotografias se tornariam uma fonte histórica para pesquisadores, apenas o fotógrafo quis retratar os momentos que achava relevantes, é a visão e intenção do fotógrafo que observa-se e nota-se isso em cada fotografia, ou seja, cada fotografia foi intencional registrar as cenas.

As fotografias nos remetem às situações e momentos pelos quais vivenciamos e guardamos as nossas memórias, isto é, são gatilhos da memória.

As fotografias são memórias, histórias escritas nelas, sobre elas, de dentro delas, com elas. É por essa razão, ainda, que as fotografias se acumulam como tesouros, dentro de pastas, de caixinhas, de armários, que elas se escondem dentro de uma carteira. Elas são nossos pequenos refúgios, os envelopes que guardam nossos segredos. As pequenas peles, as películas, de nossa existência. As fotografias são confidências, memórias, arquivos. (SAMAIN, 2012, p.160)

As fotografias são memórias como já citado por Etienne Samain, mas essas memórias, se ficarem apenas guardadas em armários, irão se desfazer com o tempo cronológico e tempo histórico. É preciso “falar” com a imagem, escrever sobre o que ela revela, recordar essa memória eternizada nas fotografias, e nas memórias dos personagens que narram este momento histórico da etnografia da duração, pois essa memória social, coletiva e individual também tem seus limites (os indivíduos não são eternos, a memória com o tempo se perde). A imagem precisa causar uma inquietação e mudança interior no pesquisador.

3 CONTEXTO HISTÓRICO DO TRABALHO ESCRAVO E CONTINUIDADE DO SISTEMA ESCRAVISTA EM FAMÍLIAS GERMÂNICAS

Neste capítulo, trataremos brevemente do início do trabalho escravo, ou seja, a mão de obra existente durante o período de escravidão no Brasil, como se deu sua continuidade e sua permanência mesmo após a sua abolição, pois o sistema escravista seguiu para um trabalho feminino voltado aos serviços domésticos oferecidos às famílias germânicas de Novo Hamburgo, conforme relatos de Vó Nair, que serão explanados a seguir.

No município de Novo Hamburgo, houve uma grande ocupação de imigrantes alemães e seus descendentes, posterior à ocupação da imigração açoriana. Diante disso, é importante contextualizar a vida dos colonos imigrantes na região. Um ponto a abordar é a localidade de fixação que foi no município de São Leopoldo, além disso, a economia era à base de produção do linho cânhamo e os tropeiros transportavam mercadorias e gado para vender. Sabe-se também que uma das literaturas da época vinha dos relatos de Àrsene Isabelle, que visitou regiões do Rio Grande do Sul e relatou sua visão eurocêntrica ao retratar e caracterizar o outro, o nativo, o colono açoriano e alemão, e comparou a tecnologia e as paisagens da Europa com as do Brasil. Na mesma época, utilizava-se a mão de obra de escravos africanos pelos colonos açorianos e alemães, segundo entrevista com o Sr. Adolfo Antônio Klein. Havia ainda muitos castigos físicos aplicados às crianças filhas de escravos, conforme narrativa de Vó Nair.

A economia do Rio Grande do Sul era baseada no gado, a carne era vendida para consumo e para produção de charque, o couro era usado para a confecção de produtos, e até era exportado. Assim, os primeiros matadouros e, logo, os primeiros curtumes foram instalados pela imigração alemã, visando à confecção de caçados masculinos e femininos. Dentre vários curtumes que havia em Novo Hamburgo, abordaremos neste texto o Curtume Momberger, pois foi um dos pioneiros do ramo e tem uma importância histórica para o setor coureiro-calçadista, conforme menciona o herdeiro Sr. Siegfried Momberger.

Ao levantar o tema curtume, é importante lembrar da questão ambiental, já que este serviço usa muita água e produz muitos resíduos degradantes, algo que com o avanço tecnológico e a modernização dos processos foi melhorando.

Notou-se também, a partir da instalação desse setor, expansões urbanas e transformações ambientais e paisagísticas, principalmente ao final do século XIX e nos primeiros cinquenta anos do século XX, no Vale do Sinos, sobretudo em Novo Hamburgo.

Na mesma época, o trabalho escravo feito por negros africanos era muito comum na região. Ao olhar para trás na história do país, entende-se que o Brasil tem como alicerce o trabalho escravo. Primeiro, ocorreu a escravidão dos nativos indígenas, porém deixou de ser adequada em certo momento, além disso a maioria dos índios foi dizimada com a chegada dos europeus, outros tantos contraíram doenças, epidemias e faleceram. A solução foi buscar outra mão de obra e assim deu-se início ao processo de escravidão de negros vindos do continente Africano, no século XVI. Em 1535, no porto de Salvador na Bahia, ancoraram os primeiros navios com negros escravizados. Traziam da África homens com habilidades manuais, com isso chegaram, ao Brasil, populações africanas com profissões, facilitando o trabalho na produção açucareira, cafeeira e na extração do ouro.

O governo monárquico e a elite mantiveram a estrutura socioeconômica do período colonial de latifúndio e o escravismo na economia agroexportadora. Sendo assim, a base da produção e a mão de obra escrava negra africana eram lucrativas para o sistema de economia e exportação brasileira, sendo sua proibição não favorável para produtores.

O Brasil foi o último país da América Latina a abolir a escravidão, ocorrendo no dia 13 de maio de 1888, com a Lei Áurea, assinada pela princesa regente Isabel, filha de D. Pedro II. Após a abolição da escravidão, os negros alforriados, sem respaldo do governo imperial e republicano, foram trabalhar para as famílias brancas da sociedade brasileira, perdurando o sistema escravagista por 353 anos.

3.1 RELATO DE VÓ NAIR

A história nos mostra que houve resistência dos escravos no sistema de trabalho imposto a eles através da formação de quilombos e de fugas, das quais, quando frustradas, os escravos eram capturados pelos senhores, retornavam ao latifúndio e eram castigados. Nesse contexto, organizou-se uma entrevista com a senhora Nair Leopoldina de Oliveira, conhecida como Vó Nair. Ela nasceu no bairro Hamburgo Velho, em Novo

Hamburgo, é uma mulher negra, neta e filha de ex-escravas. Vó Nair traz memórias – que foram compartilhadas por sua mãe – de resistência à escravidão e da vida naquele contexto de violência, conforme trecho a seguir da entrevista gravada em áudio e vídeo em 2012:

Ela passou a crescer, aumentar o serviço, ela achava que tava apanhando demais, que tavam judiando demais. E lá um certo dia, já tava grandinha, lá pelos 12 anos, ela disse, vou fugir. Ela correu, correu, correu, caminhou, eles queriam pegar ela e dar de relho, relho de dar em animais. Tinha um dos relhos que tinha uma argola. Antigamente os relhos tinham umas argolas grande de ferro, grossa, eles correram atrás dela com aquilo, mas não alcançaram, e se escondeu. Aí de repente ela cansou, e tinha uma árvore seca no meio do mato, ela garrou e se deitou na grama com aquela árvore seca, grossa, e deitou. Quando ela acordou, ela olhou e pensou: deixa eu sair daqui. Aí ela viu no tronco da árvore, onde ela tava deitada, tava saindo uma cobra, era dormitório de cobra. Ela saiu piscando, voltou para a casa do senhor. Mas aí ela não apanhou, porque fazia muito tempo que ela tava desaparecida, eles estavam procurando desesperados. E assim foi indo a vida dela, apanhando, fazendo serviço. Ela contou muitas histórias, muitas mesmo, onde ela contou uma que era pra apanhar e ela se escondeu em baixo da cama. E não achavam ela. Aí disseram, vamos pegar o relho, quando ela chegar vamos dar de relho nela. Ela ouviu e saiu ligeiro gritando eu to aqui, eu to aqui (palavras em alemão). E ela dizia to aqui, já venho, e dentro de casa. Aí eles pegaram o relho e deram nela. Acertaram na cabeça. Ficou um vinco da grossura de um dedo, aquele vico da argola. Ela contou muitas coisas que ela passou. Aquilo tudo em alemão.

Nota-se que os senhores de engenho e cafeeira usavam da violência física como forma de repreender a desobediência dos escravos, usando vários objetos que causavam lesões, dentre eles, como citado na entrevista, o relho. Também se sabe que os escravos aprendiam o idioma alemão por imposição, passando de geração a geração, como cita Vó Nair.

As memórias dessa senhora são individuais e coletivas geracionais e transgeracionais, pois foram passadas de mãe, uma então escrava, para a filha, como no relato: “Minha história veio da minha mãe” (VÓ NAIR, 2012), e de sua avó, também escrava. São duas gerações da família na condição de escravizada pelos imigrantes germânicos, contudo, também há luta e resistência marcando a trajetória de vida de todos.

A minha mãe era da serra, Dois Irmãos. Ela era filha de escravo, então quando a minha vó foi mandada para Porto Alegre por um dos filhos dos senhores dela, foi mandada para Porto Alegre com um filho que casou, e minha mãe com 5 ou 6 aninhos, e arrancaram dos braços da minha vó e ficaram com a negrinha lá, os velhos os senhores. E a minha vó foi com o filho dos senhores para Porto Alegre e ali ela ficou escravinha. Escrava para tudo, com 6, 7 anos fazia tudo. Era mandada pra cá, pra lá, era função e laço

daqui laço dali, não fazia as coisas direito era laço. Eu também comecei com 5, 6 aninhos. (VÓ NAIR, 2012)

Na citação acima, o relato de Vó Nair traz as funções de serviços domésticos que sua mãe exercia na condição de trabalho escravo, feminino e infantil, também menciona os castigos físicos sofridos.

No relato que segue, aparece a condição de trabalho da mãe de Vó Nair, nas funções domésticas em relação à higiene pessoal dos imigrantes alemães, pois ela realizava a limpeza do penico, já que não havia a estrutura física de banheiros.

Naquele tempo tinha, vocês conhecem, o urinol, penico, que ficava em baixo da cama. Minha mãe tinha todo dia de manhã recolher de todas as camas, limpar, lavar e botar no lugar, com 6, 7 aninhos. Era o dia inteiro puxado, fazendo cama, limpeza. (VÓ NAIR, 2012)

Após a abolição da escravidão, ocorre o trabalho livre de mulheres, que pode ser observado a partir do trecho a seguir, em que Vó Nair conta que ajudava sua mãe no sustento da casa, oferecendo serviços aos alemães:

Ela lavava roupa, ela passava roupa, era cozinheira, era arrumadeira, ela era lavadeira de roupa no arroio. Lavava roupas para os colégios. E nós já ajudava a mãe a trazer roupa pra lavar aqui neste arroio onde vão mexer agora, vai passar ali o negócio do trem zurb. Água limpinha. Ali se lavava roupa o dia todo né. A mãe lavava, nós já ajudava. Tirava a roupa que era pra quarar, era tudo grama. Atirava pra cima, nós já ia estendendo no quadro. Nós já estendia o que era pra torcer ela atirava pra cima, o arroio lá no fundo. [...] a mãe torcia roupa, tinha assim uns tijolos e minha mãe levava umas latas para ferver roupa, naquele tempo se fervia roupa, tirava tudo pra cima, e ela lá no fundo lavando e atirando o que era pra quarar, o que era pra ferver, o que era pra estender. Era nossa vida, sempre lavando roupa. (VÓ NAIR, 2012)

Destacamos, a partir do relato acima, que a água do arroio servia para lavar roupas, para momentos de diversão, quando as crianças brincavam, e para a realização de refeições cotidianas, conforme a narrativa de Vó Nair (2012): “Quando a gente tinha uma folguinha, a gente pegava o anzol, uma varinha, botava o anzol, ali se lavava roupa, ali se pescava, ali se fritava e comia ali”.

Apesar de usarem a água do arroio para lavar roupas, pescar e brincar, cabe ressaltar que com o passar do tempo, e a partir da inauguração e permanência de curtumes, instalados pela imigração alemã no Vale do Rio dos Sinos, os arroios acabaram ficando impróprios para o consumo, poluídos com produtos químicos do setor, e ainda não existiam leis de fiscalização sanitária.

Outro ponto a destacar é o sistema da casa grande e senzala, onde havia o senhor e o escravo, cultura que teve continuidade e permanência social, como por exemplo o serviço de empregada doméstica para as famílias alemãs habitantes da região do Vale do Sinos, ocorrendo, por muito tempo, os serviços femininos e o trabalho infantil das empregadas negras, filhas de escravas, que trabalhavam nas residências e ajudavam na criação e educação, e, até mesmo, na amamentação dos filhos dos patrões brancos. Sobre esse tema, narra Vó Nair (2012):

Ela fazia todo este serviço, ela cozinhava pra fora, ela cozinhava nos kerb, ela cozinhava nas festas dos alemães tudo. Era casamento era tudo. [...] ela foi cozinheira dos velhos Mosmann. Dali em diante a mãe fazia todos os batizados, as festas de batizado, de comunhão. Dar mamá, a minha mãe deu mamá. Três eu ainda lembro, ela deu mamá pra três prefeitos de Novo Hamburgo. Ela deu mamá pro Koch, tem outro, ela deu mamá pra cada alemãozinho que nascia, que a mãe tinha um negrinho junto, tudo mamou na mãe. Sei que naquele tempo as mãe branca não tinha leite, não ganhavam leite, sei lá. Então tem muito alemão que mamou na minha mãe, junto com cada negrinho que ela tinha. Tinha os Scheerer, tinha o Armando Koch que foi prefeito, um Adams mamou na minha mãe.

A condição de vida era de exclusão, discriminação étnico-racial, segregação e contra, principalmente, das mulheres, algo enraizado em um sistema de escravidão no Brasil, assim como relata Vó Nair quando cita as funções desempenhadas pelas pessoas negras na sociedade alemã em Novo Hamburgo: “O negro só era bom antigamente pra cozinhar, pra lavar, pra empregada, aí eles queriam negro”. (VÓ NAIR, 2012). Como se a cor da pele determinasse e fosse uma “marca registrada” da função que a pessoa deveria ocupar, assim, também, tal função funcionava como uma herança escravista, que ia passando de mãe para filha, como, por exemplo, o caso da mãe de Vó Nair, que trabalhou para os alemães como ama-de-leite de crianças brancas que viriam a tornar-se homens de importantes cargos políticos e empresários.

Muitos casos assim ocorreram, crianças brancas criadas e educadas por mulheres negras, filhas da escravidão, passando pela entrevistada que, em sua trajetória trabalhou em residências de famílias germânicas, iniciando, ainda criança, como empregada doméstica e, posteriormente, como babá dos filhos brancos dos alemães, cuidando-os e educando-os, segundo sua narrativa:

Eu estava com 6 anos. Eu fui trabalhar no Alvício Klaser. Foi o maior industrialista de Novo Hamburgo. Na época eram três irmãos, aí eu fui trabalhar ali de babá. Ali na casa do Alvício tinha que fazer mamadeira pras crianças, tinha que lavar roupinha, tinha que passar. Tudo isso eu fazia. Então lavar louça, tudo isto, eu já tava ali com meus 8 e então [...] Tinha uns degrauzinhos pra subir, e o Alvício chagava em casa tava eu fazendo

mamadeira ou passando roupa, fazendo servicinho né. Ele disse: mas esta criança, isto é uma criança. Eu vou fazer um banquinho pra ela andar com este banquinho. Aí ele fez um banquinho pra mim poder passar roupa, pra mim poder ir pro tanque lavar roupa. A maioria dos alemães davam farinha de milho pros alemãozinho com leite, leite de vaca fresquinho né. Então eles pegavam farinha de milho. Era uma farinha assim fininha né, como é que se diz...Fubá, e aí aquilo, ainda peneirava em casa, torrava numa frigideira e aí derramava leite. Fazia as mamadeiras cada alemãozinho [...]. (VÓ NAIR, 2012)

Esses relatos trazidos por Vó Nair – e que transpassam a vida de sua mãe Sara e de sua avó – são uma memória coletiva geracional e transgeracional, que mostra a continuidade de um “sistema escravista” de trabalho em benefício de famílias germânicas, em um sistema de serviços essenciais aos moradores alemães da região (lavar roupas, cozinhar, amamentar e cuidar dos filhos dos brancos), como as escravas mulheres faziam nas residências dos senhores outrora.

Associada à escravidão, há a ocupação do Rio Grande do Sul pela imigração, os motivos da vinda dos imigrantes ao Brasil, e a relação do trabalho livre e do trabalho escravizado, explicitado a seguir.

Os imigrantes¹ alemães vieram para o Brasil fugindo da guerra, fome, miséria e desemprego, pois a Revolução Industrial na Europa colocou mais máquinas nas fábricas, diminuindo a mão de obra e descartando os empregados e operários, e isso “acompanha o processo de descolonização do Brasil e sua adesão ao ideário moderno do trabalho livre, em contraposição ao trabalho escravizado” (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 174). Sobre a questão de ter uma “mão de obra livre”, a historiografia oficial explica que

vale lembrar que o mito do trabalho-livre na Província de São Pedro atribuído à chegada dos colonos alemães no sul do Brasil se deve à colonialidade do controle do trabalho [...] E ao fato de o trabalho assalariado se concentrar quase que exclusivamente entre os brancos (sendo um de seus privilégios) em contraste com as formas de trabalho não assalariada, que permaneciam como um fenômeno restrito aos índios, negros e mestiços. (QUIJANO, 2005, p. 120-121 apud NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 177)

Segundo as falas do autor citado, em relação ao sistema de trabalho, havia uma separação étnico-racial, já que ocorria muito trabalho não assalariado e informal, que

¹ Em 1748, chegam os primeiros casais de imigrantes açorianos (Portugal), depois de alguns anos, conta-se cerca de dois mil casais. Em 1824, ocorre a vinda de teuto-imigrantes. Os autores Torres (2007) e Kuhn (2004) trazem mais informações sobre o processo de imigração no Rio Grande do Sul.

era destinado às populações marginalizadas da sociedade brasileira, como os indígenas, negros e mestiços. A ocupação territorial dos colonos alemães e a principal economia desenvolvida descreveremos a seguir.

3.2 FEITORIA DO LINHO CÂNHAMO

A principal economia desenvolvida pelos teutos-imigrantes foi a produção de linho cânhamo, uma planta cuja fibra era usada para formar cordas utilizadas em navios.

O governo resolveu montar a construção de uma indústria para o plantio e extração da fibra, uma feitoria. O local foi no município de Pelotas em 1783. A construção da feitoria foi realizada pelos escravos e a residência servia como moradia para eles. Em 1785, na Feitoria se produzia couro, sebo e queijo. Em 1787, vem cerca de cinquenta escravos para trabalhar no linho cânhamo. Na Feitoria se produzia gado e couro para exportação. Alegando que a terra era ruim para o plantio de linho cânhamo, foi extinta a Feitoria em Pelotas em 1790 e, então, mudou-se o local para o Faxinal do Courita em São Leopoldo.

Logo que se inicia o Faxinal do Courita, chegam do Rio de Janeiro dois engenhos (cuja função era de amassar e gramar o linho), prensas, charruas, um engenho completo para moer o trigo, e as “primeiras edificações com senzalas de capim, casa de ferraria, quartel do destacamento, atafona, olaria, casa de paredes de pedras, três senzalas, cobertas de capim” (PORTO, 1934, p. 23). Em 1822, a Feitoria muda de nome para chamar-se Imperial Feitoria do Linho Cânhamo.

Porém os imigrantes tinham a intenção de instalar um comércio maior de couro, usando a mão de obra escrava, que seria uma outra opção ao comércio local, como mostra o relato a seguir:

[...] e sobrar muito; muitos couros excedentes do gasto da fazenda, que podem ou vender, ou fazer curtir, pois que ela tem curtume; madeiras, linhas, telhas, e é verdade que para ela chegar a esse ponto é preciso abandonar a cultura do linho e empregar toda a escravatura nesse serviço[...] (PORTO, 1934, p. 31)

Na Feitoria, então, havia cerca de 655 escravos trabalhando. Mudou novamente de nome, primeiro para Nova Friburgo e, posterior, para Colônia Alemã de São Leopoldo.

A Feitoria do Linho Cânhamo no Faxinal do Courita durou 36 anos, de 1788 a 1824, sendo extinta devido à ferrugem que tomou conta das plantas, acabando com as lavouras.

Luiz Rau, alemão e especialista em fabricação de couros, abre o primeiro curtume. Em seguida, em 1829, sete colonos abrem curtumes, sendo um deles Nicolau Becker, que chegou na região em 1797, estabeleceu-se em Hamburgo Velho e instalou um curtume e selaria. Em São Leopoldo, havia 56 curtumes e selarias. Havia também 8 moinhos de trigo, uma fábrica de sabão, um engenho para a lapidação de pedras, oficinas de obras de chifre, de crina, de ferraria, de serralheria, marcenaria, sapataria, alfaiataria e oficina de tecelagem.

Em 1824, chegam os imigrantes alemães à Feitoria do Linho Cânhamo, em São Leopoldo. Com uma economia de agropecuária, realizavam comércio de seus produtos feitos de couros, sendo que o gado e as mercadorias eram transportados pelos tropeiros.

Os alemães utilizaram e tinham escravos em suas propriedades como mão de obra. Em São Leopoldo, entre os anos de 1880 e 1890, havia 329 escravos homens e 155 mulheres, totalizando 484 escravos.

Mais recentemente, a casa da Feitoria² foi tombada e tornou-se um museu.

3.3 NA LITERATURA DE ÀRSENE ISABELLE³

A região de Novo Hamburgo, na época pertencente a São Leopoldo como distrito, aparece em textos de escritos por europeus que descreveram a região, a partir de sua percepção e seu olhar, conforme o trecho a seguir.

Depois de termos subido e descido várias vezes, avistamos, enfim, na volta de um caminho coberto, a vila de São Leopoldo, situada no meio de uma planície baixa, que pode ter duas léguas de circunferência. Pensamos estar na Alemanha. Não pude deixar de experimentar, à vista dessa povoação europeia, um sentimento de admiração, pois fui imediatamente surpreendido pelo contraste que me ofereciam esses lugares cultivados com cuidado, esses caminhos abertos penosamente através das colinas, dos montes e das florestas, essas pequenas propriedades cercadas de fossos profundos ou de sebes vivas, essa atividade dos agricultores e operários, rivalizando, de modo

² Para mais informações sobre a Feitoria do Linho Cânhamo, do museu e do tombamento, pode-se consultar a página web do IPHAE. Disponível em: <http://www.iphae.rs.gov.br/Main.php?do=BensTombadosDetalhesAc&item=15706>.

³ Àrsene Isabelle, no período de 1833-1834, esteve no Brasil. Detalhou em seus relatos as seguintes regiões pelas quais passou: Porto Alegre, São Leopoldo, Novo Hamburgo (enquanto distrito de São Leopoldo), Pelotas e Charqueadas.

invejável, pela prosperidade de comum, com o abandono absoluto no qual os brasileiros deixam suas terras, o mau estado de seus caminhos, suas choupanas em ruínas, enfim, essa falta de indústria, esse espírito perdulário e destruidor que os caracteriza [...]. (ISABELLE, 2006, p. 251)

No relato anterior, temos a visão de um visitante europeu da Alemanha, um homem branco, inserido em sua cultura, que veio como turista a São Leopoldo. Percebemos, na descrição, que a paisagem se mostrou transformada com o progresso urbano e industrial, com a instalação dos primeiros curtumes próximos às nascentes dos rios e que, posterior, ocorreu a poluição das águas por causa dos produtos químicos usados no tratamento dos couros e dos rejeitos dessa produção que eram despejadas nos arroios. Outra mudança na paisagem foi a construção das residências dos colonos alemães, que precisaram desmatar as florestas nativas, também para a abertura de caminhos e estradas com a finalidade de se ter mobilidade.

Os transportes de alimentos do município de Novo Hamburgo eram realizados pelos tropeiros, como já citamos, e remota a época em que Novo Hamburgo era distrito de São Leopoldo como abordado na citação a seguir.

Outros alemães, que possuem algum capital, formaram estabelecimentos mais ou menos importantes, como curtumes, destilarias, serrarias, olarias e outras fabricações tais como a de farinha de mandioca e de açúcar, que já produzem um bom rendimento para a colônia, sem falar nos benefícios das relações comerciais que a sua atividade mantém com Porto Alegre. A terça-feira de cada semana é o dia marcado para levar à capital os comestíveis e os produtos da indústria dessa pequena república. (ISABELLE, 2006, p. 253)

Isabelle não cita os trabalhadores negros escravos, e sim, enaltece a imigração alemã na economia. Sabemos que os escravos eram considerados uma propriedade e os alemães eram seus donos.

Pode-se perceber, na entrevista oral, realizada em 19 de agosto de 2014, com o Sr. Adolfo Antônio Klein, que os imigrantes alemães da Feitoria do Linho Cânhamo tinham escravos, pois afirma: “Então, tinha ali as casinhas dos negros escravos da Real Feitoria do Linho Cânhamo, que fugiam e se refugiaram em um local em Lomba Grande chamado Quilombo”. Esta narrativa confirma novamente a situação dos escravos quanto às violências físicas e castigos sofridos, bem como os atos de resistência, como as fugas aos quilombos.

3.4 CURTUMES

Anterior aos curtumes, temos a exportação de couros e a sua utilização na confecção de uma infinidade de artigos, tais como: sacos para armazenar grãos e sementes, equipamentos usados no cavalo – como o lombilho⁴–; vestuário de montaria dos tropeiros – como luvas, calçados e botas de vaqueta⁵.

Já o início dos curtumes na região ocorre com a vinda dos colonos alemães, em uma economia voltada ao comércio, ao estabelecimento dos primeiros curtumes, e fábricas de calçados, sendo uma região pioneira na indústria do setor coureiro-calçadista, como aborda a narrativa oral do Sr. Adolfo Antônio Klein:

[...] logo depois da imigração, aquela rua do lado de lá, que vai de São Leopoldo para Lomba Grande, era conhecida como a Picada dos Curtumes. Em cada casa, nos fundos, tinha um curtume [...]. Então a possibilidade de curtir couro, de fazer sapato, de ter confecções, de ter alfaiates, isso tudo veio no bojo da imigração alemã para cá. (KLEIN, 2014)

A estrada citada no relato é o atual bairro de Lomba Grande que pertence a Novo Hamburgo e é considerada como uma área rural do município, percorrendo-a se chegará à Feitoria do Linho Cânhamo em São Leopoldo.

Os alemães começaram a abrir curtumes em São Leopoldo e Novo Hamburgo, por volta de 1829. Em 5 de abril de 1927, ocorre a emancipação de Novo Hamburgo, sendo desmembrado como o 2º distrito do município de São Leopoldo.

Posteriormente, surge a indústria de calçados com os alemães Pedro Adams Filho e o Sr. Pedro Haas, com a produção de artigos em couro. A principal mão de obra usada era a de escravos, como relata o Sr. Adolfo Klein, em entrevista.

Um germânico aqui não podia ter escravos, se burlou um pouco, algumas famílias mais abastadas já tinham depois os seus próprios escravos, era proibido, mas tinham. E dessa raiz cultural saíram as nossas indústrias. E nós tivemos uma indústria não só de couro e sapato, mas nós tivemos uma indústria bastante diversificada aqui. Isso gerou uma série de empresas de couro, que algumas foram maiores, outras foram menores [...]

Essa relação foi muito bem, e também houve um outro problema migratório da região quando as charqueadas começaram a ser extinguidas no Rio Grande

⁴ De acordo com o Dicionário on-line Michaelis, lombilho é um substantivo masculino e significa: “1. Apeiro dos arreios que substitui a sela comum, o selim e o serigote. 2. Músculo da região lombar da rês.” Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/OKEv2/lombilho/>. Acesso em: 27 maio 2023.

⁵ De acordo com o Dicionário on-line Michaelis, vaqueta é um substantivo feminino e significa: “1. Couro curtido e preparado, próprio para o fabrico de calçados”. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vaqueta/>. Acesso em: 27 maio 2023.

do Sul, todo Pelotas, Rio Grande, as charqueadas eram baseadas em mão de obra negra e esses escravos ficaram... escravos, semi libertos ficavam, eles já eram, na época já tinha sido abolida a escravatura, mas esses caras perderam os empregos. E eles como tinham a origem no campo, na lida de campo, no abate, na esfolagem, no trabalho com carne, eles acabaram vindo para o setor de couro, porque eram habituados ao trabalho com peso de um boi, peso de uma pele, o peso de uma paleta, eles tinham esse cacoete e isso trouxe uma migração de funcionários negros para o Vale do Rio dos Sinos atrás de emprego. (KLEIN, 2014)

Na narrativa vista, foi explanado que havia o trabalho negro de escravos libertos e também de seus descendentes em curtumes e na indústria coureiro-calçadista, em Novo Hamburgo. Acreditava-se em uma divisão étnico-racial no trabalho, ao “determinar” que os trabalhadores negros eram os melhores, mais adeptos e habituados, e, portanto, os mais adequados para trabalhar em curtumes, com base em uma produção e também de

[...] uma economia urbano-industrial representada sob a égide da mão de obra imigrante. A ocupação territorial do Vale do Rio dos Sinos foi marcada por distinções de cunho étnico e racial, colocando em posição diferenciada os diferentes grupos que habitavam a região. (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 178).

Contudo, justificar a mão de obra livre, o trabalho livre negro, nos curtumes e nas indústrias calçadistas, esconde e camufla a exclusão, o racismo, o preconceito, a segregação e a discriminação étnica, cultural e racial contra povos negros escravizados e marginalizados pela sociedade branca e alemã.

Além disso, é relevante destacar que a instalação de curtumes no Vale do Rio dos Sinos foi estratégica e facilitada pela geografia e pela atividade agropastoril.

A cidade de Novo Hamburgo compõe a geografia de “uma terra formada por um vale banhado por uma profusão de rios e córregos que foram fundamentais tanto para a sobrevivência de famílias de “colonos”, assentadas, em geral, em territórios próximos às suas áreas de várzeas e banhados, quanto para, posteriormente, a mercantilização de suas águas, visando a implantação e o crescimento da indústria coureiro-calçadista”. (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 176).

A água foi essencial, fundamental e primordial para a indústria da região, sendo utilizada para o tratamento do couro, mas não podia ser qualquer tipo de água, conforme entrevista feita com o Sr. Siegfried Momberger, em 14/12/2022, quando ele afirma que:

“Não podia usar a água de Corsan da vida, isso não, tinha que ser água natural, porque a da Corsan tem produtos químicos”. Dessa forma, entende-se a razão das indústrias de curtume se encontrarem próximas às nascentes e rios.

Com o crescente aumento da instalação de curtumes em Novo Hamburgo, que usavam a água das nascentes naturais – que permeavam a cidade formada de vales, encostas e morros – para o tratamento do couro, começou a faltar água para uso doméstico. Pensando em resolver a escassez de água, em 1912, construíram-se poços artesianos, e, em 1929 e 1931, o governo de Novo Hamburgo construiu poços artesianos nas residências.

No início do século XX, começa uma nova expansão na área comercial de Novo Hamburgo, através de uma visão de urbanização e de progresso, que buscava mudar a imagem da região. Assim, chegam inovações, como a energia elétrica, o calçamento de ruas, o embelezamento da cidade, a instalação de indústrias de aço e de ferro, ou seja, toda uma estrutura moderna e inovadora que ia desde a criação de bancos até a construção de estradas de ferro.

Apesar de toda a modernização e do progresso, os curtumes e as indústrias do setor calçadista continuaram a usar o trabalho de pessoas negras, que eram tratadas e vistas como escravas, apesar da abolição da escravatura. É uma mentalidade ainda do sistema e modo de produção de exploração escravista, que considera o negro inferior e com obrigação de ser submisso aos brancos, e assim deve permanecer executando funções menos favorecidas.

Dentre vários curtumes instalados em Novo Hamburgo, o direcionamento desta monografia é o curtume Momberger, que chegou a empregar cerca de 200 funcionários, algo que é explicitado a seguir.

O curtume Momberger foi um dos maiores em Novo Hamburgo, instalado pelos imigrantes alemães quando a região fazia parte do distrito de São Leopoldo. Em entrevista, o Sr. Siegfried Momberger narra suas memórias individuais, coletivas, transgeracionais e geracionais do início do curtume pela sua família:

O nosso curtume começou com meu avô, ele veio de Dois Irmãos em 1917, aí veio botar curtume em Novo Hamburgo, ele já tinha com um parente dele um curtume em Dois Irmãos, ele queria expandir, [...] então ele botou um curtume que no começo era seu Albino Momberger, ele foi até um dos pioneiros na importação de máquinas do exterior, que aqui no Brasil se fazia muito pouco ainda, [...] depois meu pai, tios, foi continuando, nós né [...] (SIEGFRIED, 2014)

Ao longo dos anos, o curtume, que iniciou na rua General Osório, no bairro Hamburgo Velho, mudou-se para o bairro Vila Diehl, no Kephass. A empresa usava água natural de nascentes para o tratamento dos couros, com o tempo, foi necessário mudar da área central da cidade para um local mais afastado, conforme o trecho da entrevista a seguir:

Meus avôs, pais e tios chegaram à conclusão que sair, porque a cidade começou a crescer, crescer e deu problema assim com aqueles resíduos tudo pros arroios, e se achou melhor sair da cidade e fomos pra fora, o que a maioria fez, uma boa parte se afastou do centro. (MOMBERGER, 2014)

Sr. Momberger explica também que desde os 14 anos já trabalhava, durante o dia, no curtume e, à noite, estudava. Assim, aprendeu cedo todo o processo de tratamento do couro, conforme seu relato:

Aí quando eu saí do ginásio eu fui trabalhar no curtume né, que era então no centro ali ainda na rua General Osório, o troço foi meio duro né, eu tive que bater cartão antes das 7h lá, entrei como empregado comum e tive que aprender tudo, e eu não achei ruim, porque era filho de patrão, mas não tinha filho de patrão [...] (MOMBERGER, 2014)

Nesta narrativa supracitada, o Sr. Siegfried Momberger comenta que teve a experiência desde adolescente de trabalhar no curtume da família, conhecendo todo o procedimento para o tratamento dos couros. Ele chegou a trabalhar na empresa que funcionava na rua General Osório, com estrutura física e maquinários muito diferentes dos encontrados, posteriormente, no Kephass.

O Sr. Siegfried Momberger, descendente de imigrantes germânicos, é herdeiro do curtume, pois é neto do fundador da empresa instalada no início do século XX na cidade, dessa forma, pode-se considerar que ele e sua família foram responsáveis, parcialmente, pelo desenvolvimento da economia no Rio Grande do Sul.

4 MODERNIZAÇÃO INDUSTRIAL E A INCORPORAÇÃO DO TRABALHO NEGRO NAS INDÚSTRIAS A PARTIR DE RELATOS

Neste capítulo, trataremos acerca dos trabalhadores negros, operários da indústria coureiro-calçadista na região do Vale do Rio dos Sinos, especificamente em Novo Hamburgo, para tanto foram considerados os relatos de três pessoas, a saber, Flávio Elias da Silva, Ari Joaquim da Costa e Valdemar da Silva. Em suas falas aparecem quais eram as funções profissionais desempenhadas nas empresas – que eram gerenciadas por descendentes de imigrantes alemães –, como ocorria a relação étnico-racial, e como eram as trajetórias sociais e as condições de vida de cada um.

Conforme já mencionado no capítulo 2, sobre os dois imigrantes alemães do setor coureiro-calçadista, foi aprovada a primeira lei trabalhista, em relação às fábricas, deliberada pelo governo brasileiro, no século XX. Também já foi mencionada a influência dos curtumes nas mudanças da paisagem urbana, por questões ambientais, já que não havia tratamento para água e, ainda, havia o despejo de muitos dejetos dessa indústria no meio ambiente, em Novo Hamburgo.

Os pioneiros da indústria de calçados na região, como já explicitado, foram os imigrantes alemães Pedro Adams Filho e Pedro Haas, que produziam artigos em couro, juntamente com demais curtumes instalados, ou seja, o grande setor coureiro-calçadista, já que o couro passa a ser a matéria-prima essencial na fabricação de calçados e acessórios pelas indústrias de Novo Hamburgo.

Getúlio Vargas é o primeiro presidente do Brasil, ao longo da história política, a implantar setores ministeriais de políticas públicas e de leis trabalhistas direcionadas ao trabalhador operário nas fábricas, ao criar a CLT⁶, em 1943.

4.1 RELATO DE FLÁVIO ELIAS DA SILVA

Dentro do setor de fábrica de calçados, na década de 60, se situa o relato do Sr. Flávio Elias da Silva. Sua cidade natal era São Leopoldo, ele começou a trabalhar aos 11 anos de idade em uma empresa em São Leopoldo, onde fazia cordas. Seus pais eram separados, a mãe residia em Porto Alegre e o pai em Novo Hamburgo, mas foi criado

⁶ Em 1943, houve a criação da CLT (Consolidações das Leis do Trabalho), pelo decreto nº 5.452, de 1º de maio. A lei está disponível no seguinte site: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-5452-1-maio-1943-415500-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 09 abr. 23.

pela avó em São Leopoldo. Seus pais se conheceram em São Leopoldo. Um dado importante é que o pai de Flávio é filho do Chimia (apelido de Osmar Miguel Lara), que, por sua vez, é irmão de Vó Nair, portanto Vó Nair era tia de Flávio. Chimia foi motorista da prefeitura de Novo Hamburgo, na época, conduzia charretes pelo centro da cidade, ele também ensinava mulheres brancas a dirigir.

Flávio relata, em entrevista arquivada textual e audiovisualmente, feita em 12 de julho de 2010, suas memórias coletivas sobre situações ocorridas nas empresas em que trabalhou, sempre no setor de serviços gerais, sendo diferente do conceito atual sobre tal função:

[...] comecei a trabalhar no Calçados Piloto [...]. Lá eu trabalhei cinco anos, em firma de calçado. Depois eu trabalhei em uma outra firma também, perto do Calçados Piloto. Fazia de tudo, serviços gerais, faz tudo. É lixa, esteira! A única coisa que eu não fazia era montagem, mas o resto tudo eu fazia. No corte também eu era auxiliar só. Eu trabalhei 15 anos em quatro firmas, me aposentei. A última que eu fiquei foi a Ciznebeloa que a Azaléia comprou, que era na Scharlau.

No relato do Sr. Flávio, acompanhamos que toda a sua jornada trabalhista foi em fábrica de calçados, até se aposentar, fazendo serviços gerais, talvez por não ter acesso e oportunidades para estudar e se profissionalizar, podendo, então, subir de setor e melhorar de cargo nas empresas as quais trabalhou.

A década de 60 foi o auge das empresas calçadistas na região, com muitas vagas disponíveis, como aborda Flávio em seu relato: “As empresas davam muitos empregos assim, mas vacilavam já iam. Porque era... Tinha, o mercado era muito grande de serviço né. Aí logo pegavam agente, logo.” (SILVA, 2010).

Já sobre sua experiência de trabalhar em curtumes em Novo Hamburgo, Sr. Flávio relata da seguinte forma:

Cheguei a trabalhar uma vez no curtume em, trabalhei ali bem no centro, ali onde tem uma loja grande... Tumelero parece... ali eu cheguei a trabalhar no curtume ali, mas não deu, eu não corro de serviço, mas dessa vez eu corri. Trabalhar lá... essa história de furão... mexe aqui, pegar com a mão, depois voltar a trabalhar no depósito... no depósito o couro é salgado e fica salgado ali, e cria bicho... essas coisa salgada pegar nas pata, nas cabeças... digo eu não! E dai fui para o calçado de novo, no Ciz [...]. (SILVA, 2010)

Nem todos se adaptavam ao trabalho do curtume. Depois do gado abatido, o couro não recebia nenhum tratamento, seguia diretamente para os curtumes, por isso o couro “cru” e salgado era infestado por bichos, pois os restos do corpo do animal

ficavam fixos na pele, assim, também havia um mal odor no material. Mais tarde, havia todo um processo químico pelo qual passavam os couros, até saírem prontos para a indústria calçadista, um trabalho que causava riscos à saúde, era extremamente poluente e contaminante ao meio ambiente e que ocasionou “uma divisão social e espacial do trabalho de tratamento e acabamento do couro que [impactou] [...] a paisagem urbana do Vale do Rio dos Sinos” (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 182). Esse impacto foi a contaminação dos rios, córregos, arroios e as transformações das paisagens urbanas pela construção dos curtumes.

[...] atividades industriais mais relevantes do sul do Brasil – para além da indústria do charque, na região de Pelotas, e na trilha da exploração de minérios e dos ciclos de monoculturas de exportação – por meio da implantação de indústrias com graus de poluição e destruição catastróficos. (NUNES, ROCHA, FIGUEIREDO, 2019, p. 176)

Não havia legislação para o descarte da água usada no tratamento do couro, atualmente, há leis e fiscalização por parte dos órgãos governamentais.

4.2 RELATO DE ARI JOAQUIM DA COSTA

Indo ao encontro das questões sobre os trabalhadores negros em curtumes e na indústria calçadista, em geral, de Novo Hamburgo, trazemos o relato do Sr. Ari Joaquim da Costa, cujo seu pai trabalhou em curtumes e cuja mãe era doméstica, eles vieram de São Leopoldo para Novo Hamburgo. Através de suas memórias, Sr. Ari revela, em entrevista feita em 10 de julho de 2007, uma fala de seu pai e como foi o início da carreira trabalhista:

E naquela época, eu não tenho certeza, mas meu pai contava que negro não trabalhava em calçado, só em curtume, só curtimento que tinha muitos curtumes aqui em Novo Hamburgo. Então, mas eu já não sentia isso porque quando eu fiz 14 pra 15 anos, eu fui pro SENAI e do SENAI eu fui pro Adams pra trabalhar com calçado. Então eu não senti isso, mas o meu pai contava que negros só trabalhavam no curtume, só curtimento, não trabalhava em fábrica de calçado. O meu pai sempre trabalhou em curtume se aposentou pelo curtume.

As memórias geracionais do seu pai contam que negro só trabalhava em curtumes, não em fábricas de calçados, algo que ocorreu com gerações do século XIX, quando os primeiros curtumes iniciaram na Colônia de São Leopoldo e, posterior, emancipação de Novo Hamburgo, em 1927, sendo que os donos dos curtumes eram imigrantes germânicos que vieram para o Brasil, tinham escravos em suas colônias e, ao

abrirem e instalarem os primeiros curtumes, seus empregados foram, conseqüentemente, seus escravos. Após a abolição da escravatura, houve a transformação da mão de obra escrava para a mão de obra livre, e a continuidade étnico-racial que marcou este setor de trabalho, já que os trabalhadores negros deviam trabalhar, por causa de sua cor, nos serviços mais pesados, como é o caso dos curtumes.

Entretanto, ao longo desta pesquisa e a partir dos relatos tomados, percebe-se a mudança e a incorporação do trabalhador negro nas fábricas, conforme o trecho da entrevista abaixo:

Aí eu comecei a trabalhar no calçado assim que eu fiz 15 anos. Aí eu comecei a trabalhar em fábrica. Uns anos no Adams, depois eu trabalhei na Superligaroti [...]. Trabalhava no Martini, ali na Vila Nova [...]. Depois eu trabalhei em produtos químicos. Empresa de defensivo agrícola. E depois de 72 pra cá, em metalúrgica. (COSTA, 2010).

Em relação às políticas públicas para a população negra que, ao longo da história, foi marginalizada e excluída, sofrendo discriminação racial e étnica, Sr. Ari nos relata o engessamento e a falta de oportunidades para os trabalhadores negros em fábricas de calçados, como a impossibilidade de profissionalização e de acessar novos e melhores cargos e setores nas empresas, de donos alemães.

Sempre achava que podia fazer mais, então no trabalho eu acho que eu não me sinto satisfeito, porque eu acho que eu deveria ter tido mais oportunidade e que não tive por causa da cor. Pelo menos dentro daquilo que faço, como profissional qualificado eu poderia ter mais oportunidade. (COSTA, 2010)

A trajetória profissional do Sr. Ari nos mostra que percorreu as fábricas de calçados no auge da produção calçadista, relata, pois, a insatisfação no trabalho por não ter tido a oportunidade de se qualificar e subir de cargo na empresa. Sua trajetória profissional foi diferente da de seu pai, que trabalhou em curtumes. Foram duas gerações da mesma família, em séculos e em situações diferentes, pois seu pai, no século XIX, trabalhou em curtumes (sem leis trabalhistas, em um trabalho considerado insalubre), e Sr. Ari, no século XX, em indústrias calçadistas e metalúrgicas (com acesso às leis trabalhistas). Além disso, em ambos casos, a questão étnico-racial e a discriminação estão camufladas, mas é fácil percebê-las pela falta de oportunidades profissionais para subir de cargo ou mudar de função na indústria.

4.3 RELATO DE VALDEMAR DA SILVA

Nascido no bairro Primavera, Sr. Valdemar da Silva, relata, através de entrevista oral, registrada textualmente, em sete de agosto de 2012, como seus pais se conheceram:

Minha mãe de Lomba Grande, meu pai de Morro dos Bois, da colônia lá de Morro dos Bois, se criou na colônia, é, trabalhou plantando aipim e até que numa determinada época ele veio para Lomba Grande e lá ele encontrou minha mãe, eles casaram, tiveram o primeiro filho em Lomba Grande. Depois de Lomba Grande veio buscar trabalho em Novo Hamburgo, ela veio buscar trabalho de empregada doméstica e ele conseguiu trabalho. (SILVA, 2010)

Sua mãe trabalhou como empregada doméstica, indo ao encontro das outras narrativas de mulheres negras, como a já citada Vó Nair e sua mãe, que trabalhavam para famílias alemãs de Novo Hamburgo.

Em relação ao trabalho em curtumes, a história já inicia com o seu pai e, posteriormente, ele mesmo tem essa mesma experiência, conforme as memórias relatadas a seguir:

E ele conseguiu trabalho numa envernizaria de couro. Acho que foi aí que eu comecei a sentir a influência do couro já antes mesmo de ter nascido. Até que em uma determinada época ele se adoentou, não pode mais trabalhar, se aposentou e... Uma pessoa muito responsável, muito honesta, muito direita, apesar de ter uma situação de vida bastante... É... Pobre, ele tinha que trabalhar muito, minha mãe trabalhava de sol a sol como empregada doméstica, e ela era muito requisitada porque ela foi criada em Lomba Grande em casa de alemães, então ela tinha o capricho, era muito caprichosa. Então os dois se tornaram um casal de trabalhadores para sustentar os filhos [...] ele naquela envernizaria [...] e minha mãe fazendo faxina, pra buscar o sustento para a família. Enquanto minha mãe trabalhava ajudava no sustento da família, enquanto meu pai suava carregando aqueles esquadros de verniz, não me lembro dele ter feito outra coisa senão isso. (SILVA, 2010)

Provavelmente, seu pai ficou doente devido às condições precárias de trabalho, como a falta de equipamentos de proteção adequados para os trabalhadores nos curtumes, a exposição prolongada e diária no manuseio de produtos químicos usados no tratamento dos couros, o uso dos respectivos produtos químicos, que foram, ao longo do tempo, contaminando a água de rios e córregos, lembrando que os dejetos dos tratamentos dos couros eram jogados diretamente em arroios no Vale do Sinos.

Sr. Valdemar também cita a condição de vida de sua família, seus pais trabalhavam muito para sustentar a família. Ele mesmo explica que começou a trabalhar aos onze anos para ajudar no orçamento da casa, e relata um pouco do trabalho da sua mãe:

[...] ai eu lembro que a falecida mamãe era empregada doméstica numa casa onde o proprietário, os donos da casa tinham uma fabriqueta nos fundos de casa, uma fabriqueta que fazia sapatilhas, com uma solinha de cromo [...] era colado com uma cola [...] cola leitosa. E, o que a mãe fazia? Como empregada doméstica da casa, os filhos já tinham emprego garantido, todos os meus irmãos começaram a carreira dentro dessa fábrica. Então minha mãe ia para lá de manhã, ai os filhos que trabalhavam na fábrica dos fundos. E a mãe ia para fazer a limpeza, a comida para o pessoal, é interessante que essa fábrica, calçados Gardênia [...] (SILVA, 2010)

Era muito comum a existência de fabriquetas em casa, nas quais muitos trabalhavam, era algo mais voltado ao trabalho doméstico, sem precisar se deslocar até uma empresa. Houve um momento de auge desse tipo de ocupação, muitos trabalhadores, com o tempo, conseguiram se aposentar nesta função.

A mãe de Valdemar trabalhava em uma residência de alemães, com isso, através das redes sociais formadas, conseguiu emprego para os seus filhos na fábrica, contudo era um trabalho infantil, pois já aos 11 anos de idade iniciaram no emprego. Naquela época, porém, não havia legislação proibindo o trabalho infantil, apenas a autorização dos pais ou responsáveis pelo adolescente.

No relato, Sr. Valdemar continua contando sobre sua trajetória nas fábricas de calçados juntamente com o trabalho familiar:

Eu lembro que com onze anos, [...] eu vinha para casa todo sujo de cola, de tinta, porque eu não tinha controle nas mãos, uma coordenação para fazer as coisas sem se sujar né, eu era meio criança ainda com onze anos, naquela época a gente não era registrado, mas tinha que trabalhar [...]. A família toda se envolvia naquilo, eu sei que essa fábrica depois saiu dos fundos da casa, ele construiu um prédio um pouco mais adiante na Rua Tupi, e a gente continuou trabalhando. E ai, eu sei que depois que a gente passou por essa fabriqueta, eu cheguei aos [...] dezessete anos, eu mudei de emprego, eu fui trabalhar nos calçados Zeraide, eu era muito amigo do sobrinho do dono, do proprietário, e ai eu já tinha umas inspirações, parecia que eu tinha que fazer umas coisas diferente, invés de ficar só passando cola. O bairro Primavera era cheio de fábricas. Na redondeza, tanto no bairro, no Primavera, no Ideal, tinha fábrica por todo o canto de Novo Hamburgo. Não tinha exportação na época, essas fábricas estavam sempre lotadas de serviços, então quer dizer o mercado interno com uma população bem menor do que é hoje, absorvia toda essa produção desse pessoal. (SILVA, 2010)

O trecho anterior se refere à década de 70, o auge da produção coureiro-calçadista em Novo Hamburgo, que passou a atender a demanda nacional de consumidores.

Sr. Valdemar fez um curso de modelista no Senai e, concomitantemente, trabalhava na empresa Zeraide, lá ele desenvolveu um calçado chamado de “mocassim tubular”, dando início a sua trajetória profissional como modelista em fábricas calçadistas de Novo Hamburgo, conforme seu relato:

Eu acho que ali foi um sinal, foi uma época da minha vida que marcou, como início de uma nova trajetória profissional, se é para mim ficar no sapato mesmo, eu vou me profissionalizar então! Foi onde eu fui fazer um curso de modelagem no SENAI. [...] e aí já comecei a modelar no Zeraide. Tamanco, gostava muito de fazer tamanco de madeira naquela época. E eu fazia uns tamanquinhos com floral, com umas estampas assim, com atanado, o material atanado é um couro muito fácil da gente moldar ele, e fazer figuras né! E a gente fazia umas flores gravadas, eu me lembro que eu fazia umas estampas numa prensa e eu moldava aquelas estampas tudo em madeira, na cartolina ou papelão depois prensava aquilo ficava em auto relevo, e a gente pintava manual mesmo aquilo, ficava muito bonito. (SILVA, 2010)

Na narrativa acima, Sr. Valdemar nos conta sobre a criação, a confecção e a finalização do calçado, principalmente sobre os tamancos femininos com estampas florais, uma produção que era bastante artesanal, pois o operário precisava dar conta de toda a cadeia produtiva que envolve a fabricação do calçado, até ter o produto finalizado e pronto para a comercialização. Assim, o calçado era produzido de forma manual, sem toda a tecnologia de maquinário que temos atualmente nas indústrias calçadistas. Sr. Valdemar como profissional de modelista, ao longo dos anos, vai tendo a habilidade, o saber-fazer, conhecendo todas as variedades, especificidades e peculiaridades dos couros para a confecção de calçados nas fábricas.

A utilização do couro como equipamentos de montaria, como cita Sr. Valdemar no trecho da entrevista disponibilizada a seguir, remete aos primórdios dos tropeiros que utilizavam vestuário, equipamento e montaria para cavalos feitos de couros: “Hoje se usa muito em selas de cavalo, selaria se usa muito o atanado porque ele molda mais aquelas gravuras de cavalo” (SILVA, 2010).

Durante a entrevista, Sr. Valdemar explica também que os calçados Zeraide fechou, então ele foi trabalhar na fábrica chamada Rui Chaves, por três anos. Ele ainda foi estudando e se profissionalizando em cursos técnicos pelo Senai, sempre na área de calçados, e passou na seleção de trabalho para o grupo da fábrica de calçados

Strassburger em Campo Bom, onde teve contato com a exportação de calçados brasileiros para o exterior:

A exportação já estava rondando por ai, e lá no grupo Strassburger em uma ocasião meu chefe de modelagem o Opthis, foi fazer uma viagem de pesquisa pela Europa, e na época o Strassburger já tinha uma “extratativa” com uma companhia de exportação a Mitsubishi tinha um escritório de exportação de calçados aqui na região. E o Irineu Opthis foi para a Europa fazer pesquisa para a empresa e me deixou de responsável para desenvolver uma modelagem para a Mitsubishi. Então eu que fiquei fazendo o acompanhamento das modelagens, das amostras da Mitsubishi. Uma empresa que estava se estabelecendo aqui na região e estava buscando a Strassburger como um dos fornecedores para os EUA. Mitsubishi faz de agulha a avião, mas naquela época eles estavam aqui se estabelecendo como... Intermediando o calçado nos EUA, então lá fora tinha um grupo de representantes e tinha alguns clientes, eles vinham aqui agenciavam para comprar sapatos na região, então eles montaram um escritório aqui e estavam negociando com as fábricas, eles pegavam as amostras das fábricas, desenvolviam amostras nas fábricas, mandavam para os EUA, e mediante a venda eles produziam nessas fábricas. Eu fiquei intermediando uma coleção para a Mitsubishi, enquanto meu patrão, meu chefe o Opthis foi para os EUA... E quando o pessoal da Mitsubishi veio buscar as amostras eles gostaram muito das amostras, e me elogiaram, levaram as amostras, me elogiaram, me agradeceram por eu ter acompanhado as amostras deles, pelas amostras terem ficado muito bonitas, e não demorou duas semanas e eles estavam no telefone fazendo contato comigo para me contratar, porque até então eles não tinham nenhum modelista e nenhum técnico aqui na região, eles só tinham o escritório montado com setor de papéis, burocracia, parte da administração, mas não tinham um técnico ainda para acompanhar os protótipos, as amostras, a produção deles na região, e aí eu lembro que eles ficaram de tratativa e eles me ofereceram um salário, que na época pela carência de funcionários na área... Os padrões dos acionistas eles não tinham uma noção de valores de salário na região, eles tinham noção de salário dos EUA, aí eu recordo que eles ofereceram, parece que três mil dólares na época, que davam três vezes mais do que eu ganhava na Strassburger. E eu fui trabalhar na Mitsubishi, fui o primeiro técnico contratado pela Mitsubishi, aquela época já tinham duas ou três outras exportadoras do lado, mas eu lembro que a gente saiu de uma produção zero praticamente, e a Mitsubishi chegou a exportar durante os oito anos em que eu estive lá até um total de 800 mil pares mês. E eu tive uma carreira profissional na Mitsubishi de oito anos, aí foi que eu conheci EUA, tive a oportunidade de ir uma vez para a Europa. Em Nova York só! Essa primeira vez eu fui só e especificamente em Nova York porque tinha uma feira lá. E eu voltei impressionado, porque aí aumentou meu conhecimento a respeito do mercado. E na Mitsubishi eu fiz um trabalho tanto na área de desenvolvimento de produto, quanto na área de produção, na área técnica, que aí a gente foi se aprimorando, se aprimorando. Até que um dia os japoneses acharam melhor fechar o escritório aqui de Novo Hamburgo, porque não representava no gráfico deles, por eles terem tantos negócios, o sapato não estava aparecendo como grande lucro. Aí eu fui para a Elan, outra exportadora, para a Elan não, aí já fomos para os 80 (década, ano). E essa mesma pessoa que era agente na Mitsubishi foi para a Elan, e me levou para Elan. A Elan exportava 60 mil pares mês, depois de sete anos lá a gente chegou a exportar também quase 1 milhão de pares mês. Campo Bom! E eu comecei na Elan, comecei na área do desenvolvimento, porque a área do desenvolvimento ainda carecia de algumas coisas, de alguns incrementos. Então a gente abriu o setor de amostras para atingir o maior número de clientes lá fora, e aí quando o negócio começou a vender, a bombar, eu

comecei a atender os dois setores, o setor técnico e o setor de desenvolvimento. Então a gente fez um trabalho bem abrangente, aqui não tinha mais fábricas suficientes para produzir. Nós montamos um escritório em Araranguá Santa Catarina, onde tinham doze fábricas para andar. Eu fazia uma maratona, eu atendia as fábricas daqui, as fábricas de lá, mas com uma equipe, não é que eu atendia diretamente, eu coordenava toda essa equipe técnica, para conseguir acompanhar esses quase 1 milhão de pares por mês aí, a parte técnica, tudo. Muitas pessoas foram para lá e incrementaram lá o setor de calçado. Então a Elan foi muito marcante também, porque na Elan eu pude ampliar um pouquinho mais minha área de conhecimento, porque aí eu viajei mais vezes para os EUA, fui mais uma vez para Europa também pela Elan. O conhecimento que eu adquiri com as fábricas também foi muito importante, porque a gente começa a ver não só a necessidade do cliente lá fora, a gente começa a ver também as necessidades que as empresas têm aqui para se manter no mercado. Naquela época o mercado doméstico foi meio que deixado de lado, acho que até a exportação trouxe coisas fantásticas aqui para nós. Nos ensinou a ter um padrão de qualidade, regras, métodos de trabalho, não é que não tínhamos métodos antes, mas é que a exigência da exportação fez com que nós cumpríssemos mais a metodologia de trabalho. Claro que na área da criação, na área da criatividade, do desenvolvimento a gente perdeu um pouco, porque o exportador já vinha com o que ele queria pronto na mão. Compravam lá na Itália um sapato de 300, 400 dólares e a gente produzia aqui por 4, 5, 10 dólares aqui. Porque não tinham essa capacidade de produção, não que a gente vendia sapato barato. Não! Nós tínhamos um parque produtivo que tinha condição de absorver esses preços. E aí nosso setor de desenvolvimento empobreceu, porque a gente deixou ele... A nossa criatividade como profissionais do design ela foi ficando de lado porque a gente virou copiator praticamente. Pouquíssimas fábricas ainda se mantinham no mercado interno desenvolvendo produtos. Eu acho que esse abandono com o mercado interno também provocou uma baixa no consumo, pela falta de criatividade no produto, eu acho que isso também influenciou bastante. Isso começa há entrar os anos 90 à crise que deu no sapato, quando a exportação começou a migrar para outros lugares onde a mão de obra era mais barata, aí o mercado interno desaquecido, eu acho até que isso foi uma grande lição porque essa revolução que deu nos setores... Então a Elan também sofreu as consequências de mercado, a exportação migrando para outros lugares, e lá pelas tantas a Elan fechou também, isso lá pelos anos 90. E é onde entrou essa crise. E aí eu montei um escritório, da Elan. Eu saí antes da crise em 90 e poucos, antes da crise apertar mesmo, antes de ficar mas complicada a coisa, eu saí da Elan, porque eu comecei a me indignar com algumas coisas que estavam acontecendo na empresa, algumas coisas que não estavam fechando na minha. Eu era chefe de departamento eu gerenciava, então eu queria que as pessoas tivessem uma condição salarial melhor, eu brigava muito pelas pessoas, e o patrão tinha condição, a gente via que ele tinha condição, porque a margem de lucro que a exportação deixava para os agentes é muito grande, então eles podiam dividir um pouco, eles não precisam ficar só para eles. Então eu via isso dessa forma, eu achava que tinha que dividir melhor o salário, o lucro da empresa com os funcionários, e lá pelas tantas eu me indignei e saí fora. Daí montei um escritório de modelagem. Isso foi em 90, pelos anos 90. (SILVA, 2010)

Sr. Valdemar criou uma marca de calçados infantil chamada “Emili” (nome da sua filha), expôs em uma feira na Fenac e foi convidado a trabalhar na empresa Azaléia pelo próprio dono que, ao ver o calçado exposto, se interessou pelo trabalho, conforme relato:

Trabalhava lá na matriz em Parobé, eu fui coordenar a modelagem da Azaléia, durante três anos eu coordenei a modelagem da Azaléia na área de desenvolvimento de produto. Lá eu viajei duas vezes por ano para a Europa, nesse tempo em que eu estive lá, junto com as pessoas responsáveis pela produção de produto, era o Nestor de Paula, era a filha. Então a gente fez muita pesquisa na Europa na época. (SILVA, 2010)

Sr. Valdemar trabalhou na Azaléia até o ano de 1992 ou 1993. Retornou, então, à empresa do grupo Strassburger, já em processo de falência, logo, foi convidado para trabalhar na empresa Cravo e Canela, conforme relato:

[...] tinha essa empresa Cravo e Canela e ai me trouxe para trabalhar com ele na área de desenvolvimento e na área técnica, principalmente na área técnica, eles tinham um cliente muito forte nos EUA. E eu trabalhei no Cravo e Canela durante três anos, também a gente exportava muito sapato da Cravo e Canela, e ele tinha uma Marca muito forte no mercado interno e começou a se consolidar essa marca Cravo e Canela que hoje a West Coast tem a marca. E depois da Cravo e Canela eu fui trabalhar na Pentla. [...] a Pentla fazia tanto sapatos para a Europa quanto para os EUA, fazia muito sapato para a Inglaterra, para a Itália, e eu trabalhei três anos na Pentla [...] (SILVA, 2010)

Silva foi trabalhar em uma empresa de Goiânia, lá colocou um escritório de assessoria de modelagem. Posteriormente, retornou para Novo Hamburgo para trabalhar em uma outra fábrica de exportação. Se aposentou em agosto de 2008.

Me aposentei! Caiu a exportação bastante de uns anos para cá, ai migrou de verdade, para a China, para a Europa, começou a ficar difícil a partir de 2005, 2006, começou a cair de novo o mercado da exportação [...]. Hoje eu estou presidente da Associação Brasileira dos Estilistas de Calçados e Afins, estamos criando alguns projetos de reestruturação, ABECA, porque ela precisa buscar outro enfoque dentro do seu universo de atuação no mercado, é uma entidade que representa a alma do sapato [...] É, eu fui um dos fundadores, os mentores da ABECA [...]. Somaram-se outras pessoas que a gente convidou, [...]. Então era o Luiz Winker que hoje é o administrador da West Coast, o Raul Moraes que hoje está na China, ele é modelista de forma da Michel Mainara na China. (SILVA, 2010)

Na entrevista, foi perguntado sobre a questão étnico-racial neste setor de trabalho, Sr. Valdemar relatou que na área profissional de atuação, a de modelista, são poucos negros assim como ele.

Silva aproveitou as oportunidades que a vida o ofereceu, como gostava de estudar e de aprender mais sobre o ramo de calçados e de modelagem, foi se especializando na área, se tornando conhecido pela elite branca alemã de empresários e reconhecido por seus estudos, suas aprendizagens e suas habilidades no setor de

modelagens, assim construiu uma carreira profissional de sucesso, acompanhou os altos e baixos do setor calçadista na região e do Brasil, até viveu a crise do calçado, mostrando uma história de persistência, determinação, ascensão e sucesso na carreira profissional como modelista.

5 MEMÓRIAS DO TRABALHO NEGRO A PARTIR DE ACERVO FOTOGRÁFICO DA INDÚSTRIA COUREIRO-CALÇADISTA

Neste capítulo, exploraremos as narrativas orais do Sr. Siegfried Momberger e do Sr. Valdemar da Silva acerca do conjunto de imagens do Curtume Momberger. À luz das narrativas e das fotos procuraremos ressignificar a memória do trabalho negro e explorar os espaços e maquinários do curtume em Novo Hamburgo.

5.1 ACERVO CURTUME MOMBERGER

Em entrevista com o Sr. Siegfried Momberger, em dezembro de 2022, ele nos relatou que no Curtume Momberger havia trabalhadores negros, contudo há ausência desses trabalhadores no acervo de fotografias do curtume. Não existem, pois, registros fotográficos de trabalhadores negros nos acervos de curtumes em Novo Hamburgo, o que caracteriza uma invisibilidade e um apagamento da mão de obra que foi tão relevante para a construção e progresso curtumeiro, fabril e até urbano. Dessa forma, a base do setor coureiro-calçadista em Novo Hamburgo não aparece na historiografia oficial documentada e registrada em acervos visuais.

Trazemos, a seguir, algumas imagens do acervo do curtume Momberger, cuja seleção foi feita com base na entrevista com o Sr. Siegfried, conforme ele as mencionava e recordava.

Figura 1: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)⁷

Esta foto foi tirada na localidade onde o curtume Momberger foi inaugurado, na rua General Osório, bairro Hamburgo Velho, em Novo Hamburgo. Provavelmente anos 1930. É possível ver os couros prontos para entrar na etapa de curtimento e vários trabalhadores brancos, porém, não aparecem trabalhadores negros. Sobre os funcionários negros que trabalhavam em curtume, o Sr. Siegfried nos relata, em entrevista feita em 14 de dezembro de 2022:

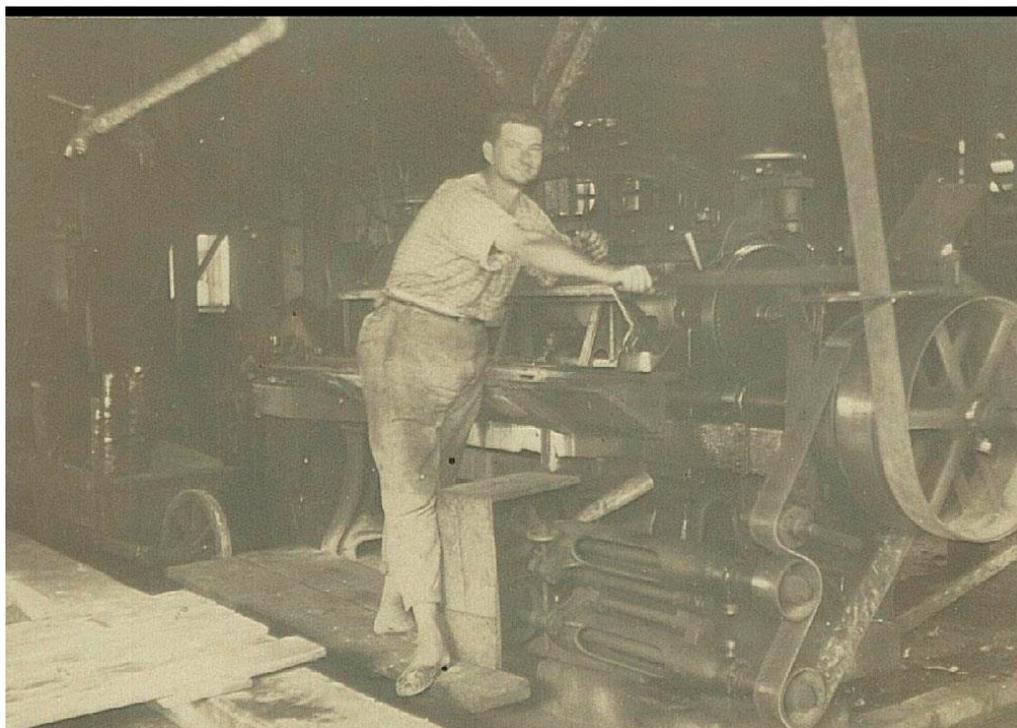
Tinha de tudo, tinha todo mundo aqui da região. É... Uns de Taquara, Rolante, vinham morar aqui, até do nosso Norte aqui, lá de Santa Rosa vinham para cá assim mais para as fábricas de calçado, e muitas vezes eles não se adaptavam nas fábricas, e ia pro curtume né. (MOMBERGER, 2022)

⁷ Todas as fotografias utilizadas neste trabalho foram retiradas da Coleção Memórias do Setor Coureiro Calçadista, através do projeto “Estudo antropológico sobre colonialidade da natureza, memória ambiental e etnografia da duração no Vale dos Sinos/RS” e “Contos do Vale: trabalho, memória ambiental e territorialidades na Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.RS/Brasil” (2020-2021), realizados pela Universidade FEEVALE (Programa de Pós-graduação em Diversidade cultural e inclusão social/PPGDIVER) em parceria com a UFRGS no BIEV (Banco de Imagens e Efeitos Visuais/Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/PPGAS).

Na foto que aparece a seguir, que provavelmente foi tirada em 1930, aparece um parente do Sr. Siegfried, como ele mesmo explica no trecho a seguir:

[...] era o tio Jacó ou Jacob. É ele trabalhava, ele era digamos assim cunhado do meu avô né. Ele era irmão da da da esposa do meu avô “Jacob ou Jacó Schneider”, né então e tu pode ver as... ele andava de tamanco e tudo e eu também pro serviço. (MOBERGER, 2022)

Figura 2: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sobre esta etapa do tratamento do couro, seu Siegfried narra:

É daquele processo é passa o couro para dividir, porque o couro fica bem grosso e daí é de dividido, que da parte de cima se chama “flor”, e a parte de baixo “raspa raspa ou crosta”. (MOMBERGER, 2022)

Momberger complementa a explicação, dizendo que:

Depois então ia sair dali para a máquina de dividir, que o couro ficava grosso, fazia duas, três películas. Parte de cima que era nobre então se fazer várias napas. Toda a base de tanino para baixa de cromo e a raspa fazia camurça. (MOMBERGER, 2014)

A fotografia 3, na sequência é, provavelmente, dos anos 1950.

Figura 3: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Nessa imagem, aparece a secagem do couro que é feita da seguinte forma:

[...] e depois quando saí então ele é colocado nessas se chama “secoter” esse aqui, esse esse aí é quente isso aqui tudo bota e gruda e em 20 minutos sai sequinho né, entende. É, são tudo umas chapas, isso são chapas, né, não é máquina. Coloca de um lado e outro, mas por dentro é água quente né, e aí então se bota, entra vapor do lado e sai água, entende, a água sempre tava quente. No verão os coitados trabalhavam nessas coisas aqui, que isso aqui é quente, né, tu botava tudo bem, mas aquele calor das chapas quentes [...] Não, aqui não tinha, o couro era colocado em cima de uma mesa e depois da mesa trazia para cá. Esse aqui ele tá colocando a... que tem uma aaa, tipo de uma espátula assim pra colocar assim o couro e grudar ele. Grudar com a umidade dele né, nada de botar cola [...] (MOMBERGER, 2022)

Podemos relacionar a foto e o trecho da entrevista anterior com o relato do Sr. Valdemar, quando ele explica que seu pai suava muito no trabalho no curtume, já que a técnica usada era bem manual e laborosa.

[...] naquela época o couro era, era envernizado manual, é, era um líquido, uma pasta tipo uma, um piche, tipo esse... E aquilo era passado com uma espátula em cima de um couro né! Com uma lixa... Para depois eles aplicarem aquilo com, com uma massa quente, com uma espátula. Era um trabalho sofrido, eu lembro que o papai suava muito uma época, porque era quente aquela massa, e ele ali trabalhava. E esse couro depois de envernizado ele era esticado num esquadro de madeira e exposto ao sol para secar. Então

tinha um vasto campo onde ali eram colocados cem, duzentos couros para secar, e eles tinham que colocar isso no sol com muito cuidado para não cair nenhum inseto em cima, então antes de colocar no sol o couro eles tinham que deixar que enxugasse um pouco aquele verniz dentro de um galpão que eles tinham, ai quando enxugava que não tinha mais risco do inseto grudar em cima do verniz ai eles colocava expostos ao sol para secar. Era só o verniz que eles faziam na época. O verniz hoje é feito numa cortina de tinta com tudo automatizado, o operador quase não toca no couro, só para abastecer a esteira, mas isso antigamente era tudo no braço. (SILVA, 2010)

Outra foto interessante é esta abaixo, tirada, provavelmente nos anos 50, em que aparecem os couros pendurados para secar.

Figura 4: Curtume Momberger



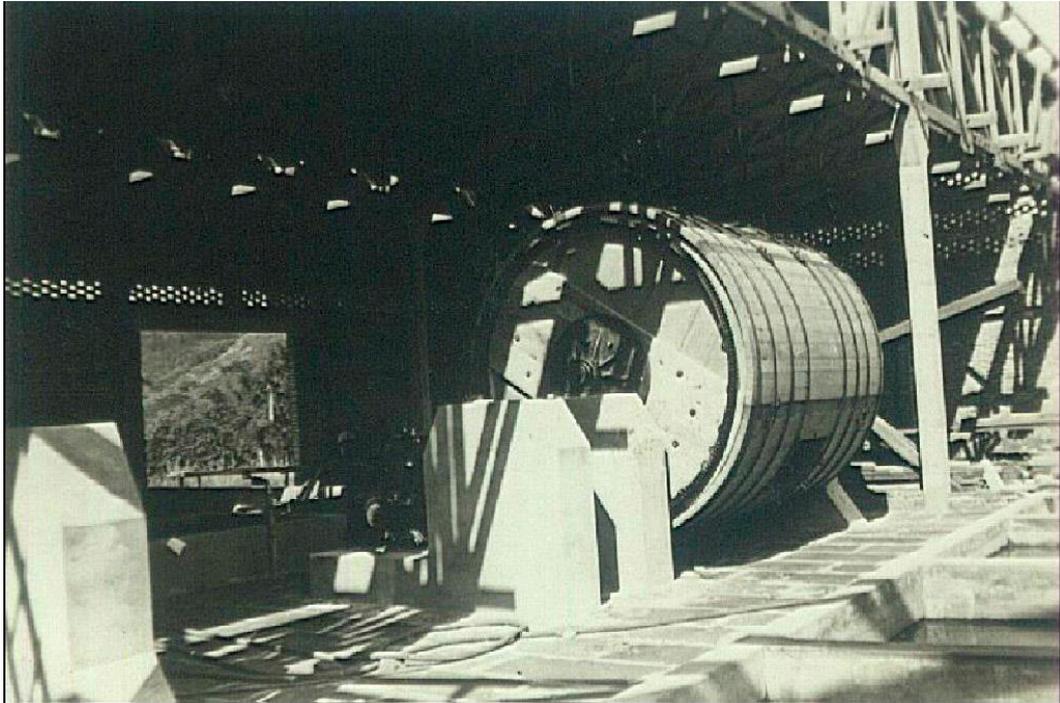
Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sr. Siegfried conta um pouco mais sobre o processo pelo qual o couro passava, por exemplo por um encolhimento, algo ilustrado na foto 4.

Sim, encolhe. Aqui sai desses fulão ai, fulão que foi o “tanino”, depois ainda pega e pendura ele né pra secar né. Tá vendo os couros pendurados ali? É. Mas isso aqui é vamos dizer é, é aquela parte de baixo, não a raspa, então é pendurado para secar. Não, ele não é feito naquelas chapas anterior que tu viu. Antigamente se usava mais para fazer sola de couro, que era um custo mais barato, é a parte de baixo né. (MOMBERGER, 2022)

Em entrevista mais antiga, Sr. Siegfried (2014) explica que “O couro entrava assim com pelo, dentro dos fulão, dali botava os produtos químicos para limpar ele todo.” O fulão pode ser visto na foto a seguir tirada, provavelmente, nos anos 50.

Figura 5: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sobre o processo durante e posteriormente no fulão, sabe-se que

No fulão ali entra o couro salgado primeiro né, o couro que é tirado do boi ou da vaca, é colocado ali dentro, e depois se coloca os produtos químicos na lateral, no caso aqui é do outro lado, para tirar pelo e tudo, processo que leva de 6 a 7 horas mais ou menos para fazer, depois o couro sai pra fora. É inicial. Retira e depois vai para a descarnadeira. Descarnadeira é tirar aquelas coisas que ficam [...] (MOMBERGER, 2022)

Na próxima fotografia, também dos anos 1950, aparecem alguns funcionários.

Figura 6: Curtume Momberger



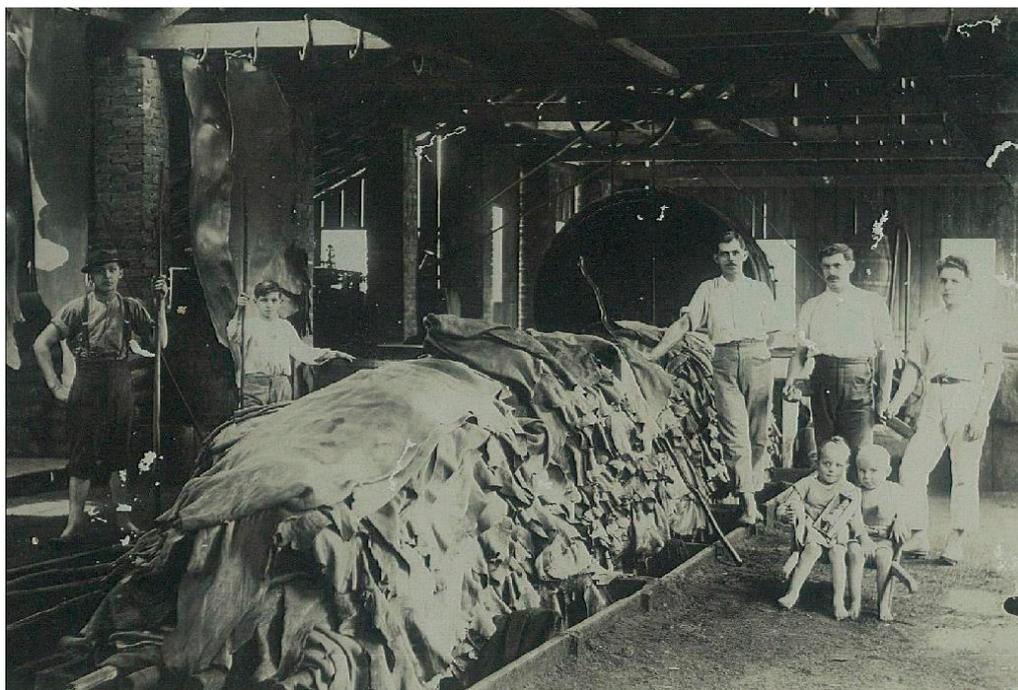
Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Segundo Sr. Momberger (2022), um dos funcionários é Anildo Sperb.

É Anildo Sperb. [...] era Anildo Sperb. Essa aqui é uma máquina de “cilindro de sola”. O couro saia e tu passava ali pra deixar ele bem limpinho assim pronto né. É isso? Bem lisinho assim né e depois ia pras fábrica. É, isto praticamente é, sola de couro, sola de raspa, que passa nessa máquina aí né então pra, daí vai pras fábrica. Isso era era como.. na sessão só de sola né.

Na imagem seguinte também aparecem funcionários, mas eles estão posando para a foto. É curioso a presença de duas crianças.

Figura 7: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

O registro foi feito provavelmente no ano de 1920, na Rua General Osório. O Sr. Siegfried não lembra dessa foto e nem dos funcionários, mas relatou que as crianças não trabalhavam no curtume, mas ele próprio, ainda criança, já desempenhava funções na fábrica, assim como outras crianças e adolescentes, o que hoje seria caracterizando como trabalho infantil. Conforme sua narrativa, explica: “Não, criança não entrava, podia entrar assim com o pai pra dar uma olhada, mas não, criança não, não podia, mas isto foi tirado uma foto e botado aquelas duas crianças ali né” (MOMBERGER, 2022).

Seguindo a exploração das fotos, a próxima traz o que parece a finalização do couro, ou seja, pronto para ser entregue ao cliente.

Figura 8: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Aqui já aqui já tá na no setor de acho que até do como se diz de aprontar pra ir pro cliente entende as prateleira para guardar o couro e tudo. Não, não há nada que aqui já tava pronto pra ir embora pro pra pro já para ir para as fábricas de Calçado né. Vê os caras bem vestido aí e tudo aí. Guiomar Ferraz Leite rsrs (risos) (aponta para o homem à esquerda da fotografia). Isto aqui já é lá na Vila Diehl. Guiomar Ferraz era um funcionário que trabalhava nesse setor de examinar o couro. Esse aqui (apontando para o homem à direita na fotografia) acho que até é um tio meu.. to olhando ali...deixa eu botar os óculos pra ver... é o seu Osvino Momberger né. O curtume começou com seu Albino que veio de Dois Irmãos. Meu avô. (MOMBERGER, 2022)

Figura 9: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

A imagem é dos anos 50, sobre ela, Momberger (2022) explica:

É aqui ta mostrando o fulão botando os produtos aí dentro né. Quando saí ali daquele setor que eu te falei da “máquina de dividir”, “descarnadeira ou escarnadeira”, entra dentro desses fulão aí né. Pra engraxar e aí um monte de coisa, primeiro tem que passar naquela, como falei é pra deixar parelho... “Descarnadeira” é quando saí do do fulão, da “descarnadeira” vai pra “máquina de dividir”, depois vai para o “fulão” ou ao “cromo” ou ao “tanino” né, é isso, e depois quando sai do “cromo ou tanino”, passa na máquina de deixar parelho né. É lá na Vila Diehl, isso tudo é lá na Vila Diehl.

Adiante, os fulões de curtir e engraxar ficam evidenciados.

Figura 10: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sobre a fotografia, Sr. Siegfried (2022) narra:

Ahh, aqui tem, agora eu tô, “máquina de rebaixar”, quando sai é pra deixar parelho, aqui (mostrando na fotografia), é uma “máquina de rebaixar”. Passa o couro pra deixar ele parelho, vamos dizer se tem que ser 10 ou 1 milímetro então ele tá desparelho né, aí saí aquelas aparas aquelas, ia mais pro lixo, eu nem sei pra onde ia. “Máquina de rebaixar”.

Outra ilustração sobre as etapas do couro, aparece a seguir.

Figura 11: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Aqui,

O couro tá bem bruto mesmo. É sim molhado. Aqui ainda tá bem clarinho assim quando sai da “máquina de rebaixar” pra sair pra o fulão, ai ai se faz a “piquelagem” né, “piquelagem” assim é tirar tudo o que é impureza e depois então ele entra no curtimento. (MOMBERGER, 2022)

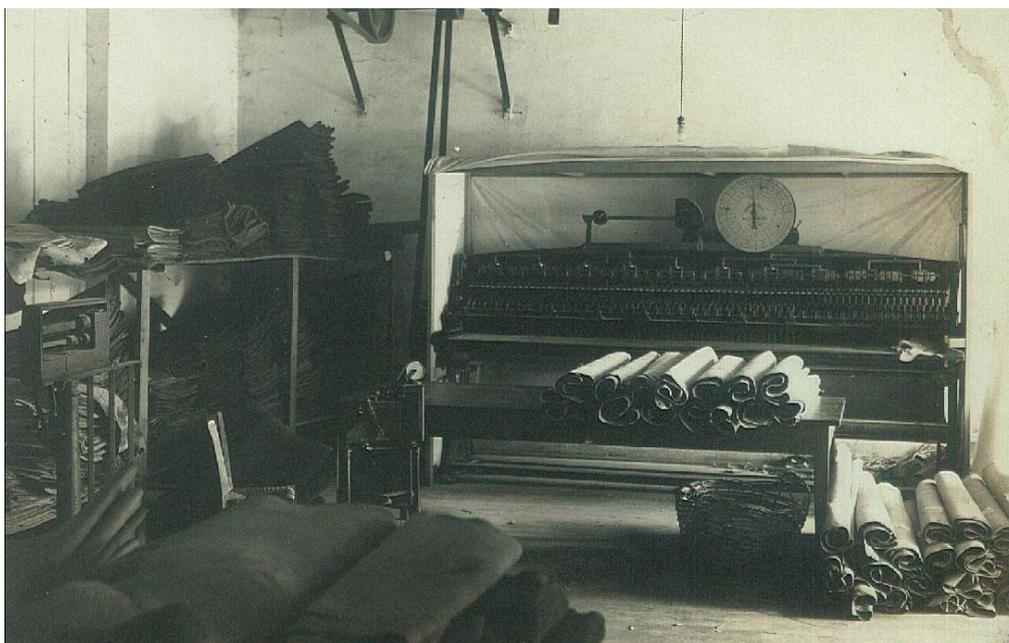
Então, foi perguntado sobre as novas tecnologias que poderiam estar sendo usadas hoje nos curtumes, então, Sr. Siegfried (2022) explica que

Não, não, isso tudo ainda é igual ainda. Só são mais modernas sim, isso sim. O fulão é a base né. É de madeira, tem fulões que são feitos de inox né, mas são muito caríssimos né. Tem curtumes que ao invés de serem de madeira são de inox, mas aí o custo é muito alto. Ainda existe.

Um dos maquinários usados, na foto 12, era a máquina de dividir o couro, que era importante para saber o valor final da peça.

Isso aqui é “máquina de dividir” o couro. Entende. Passa o couro pra saber a metragem pra vender. O custo vamos dizer é 10 metros, 10 reais, mas tu não sabe quanto tem, aí tu passa, aí quando dá 1,80 metros, ou 2 metros, ou 2,10 metros, né, isso aqui é uma máquina bem antiga, hoje já até já sai o custo tudo junto. Sim. É mais pra vender a peça, tu tem que saber o tamanho né.

Figura 12: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Na imagem abaixo, o couro ainda não sofreu muitos processos.

Figura 13: Curtume Momberger

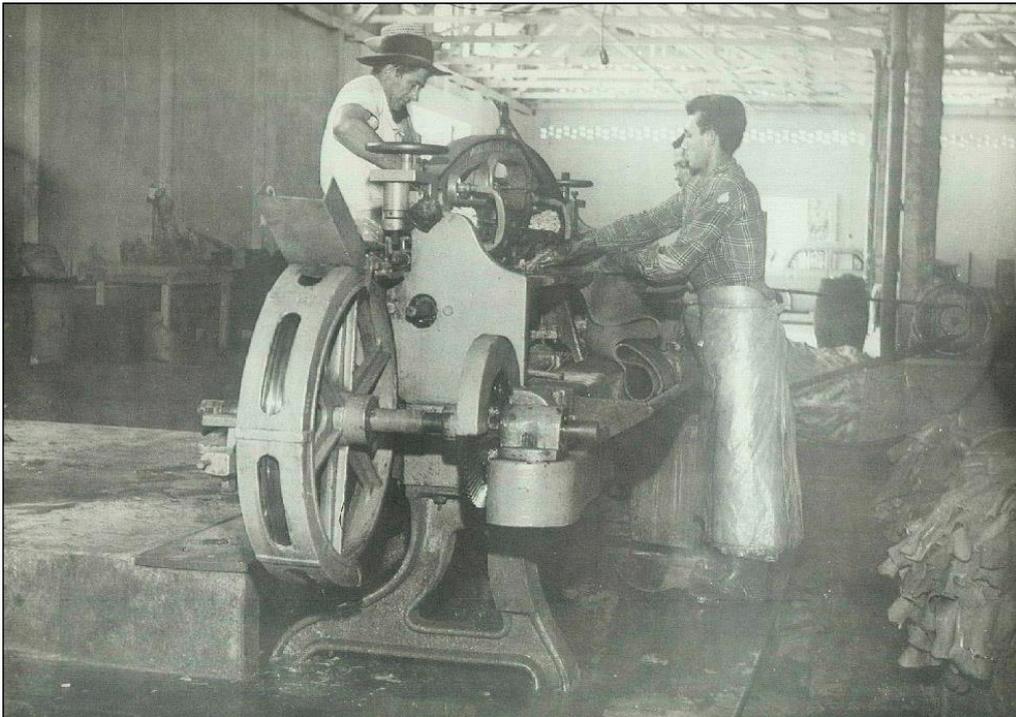


Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Como se pode ver, “essa aí é bem bruto também. O couro tá chama de “barraca” o couro tá na “barraca” ainda não foi nem nem foi feito nada ainda. Cru” (MOMBERGER, 2022).

Mais adiante nos processos pelos quais passava o couro, há a máquina de dividir, que pode ser vista na foto 14.

Figura 14: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sr. Siegfried (2022) relata que “Essa aqui é a tal da “máquina de dividir” que eu disse que era o seu Jacó ou Jacob Schneider, mas aqui não tem mais Schneider, aqui já é, é lá na Vila Diehl”.

Algumas mulheres também trabalhavam na empresa, haja vista a foto 15.

Figura 15: Curtume Momberger



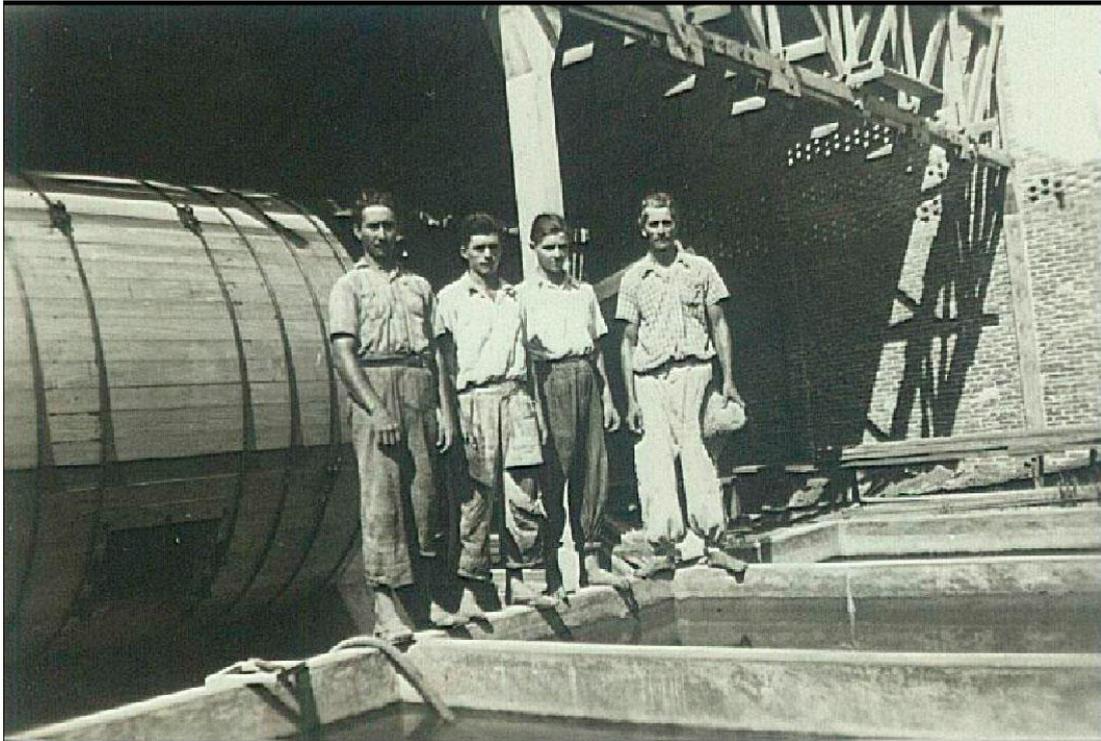
Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Fotografia de meados de 1950, em que mulheres trabalhavam no acabamento do couro.

Isso é o setor de acabamento passa assim, e elas então pegam com a escova e vão passando a tinta, né aí entra ali na estufa e sai seco do outro lado né, é. Tem um cara que bota aqui o couro, o couro está ali e as e as mulheres então já estão pegando aqui até aqui tá a tinta tá vendo aqui isso é um é um é pronto assim que ela pega com a escova e passa. A outra também tem ali que passa. (MOMBERGER, 2022)

A água usada no tratamento do couro ficava em tanques, como a ilustração que segue.

Figura 16: Curtume Momberger

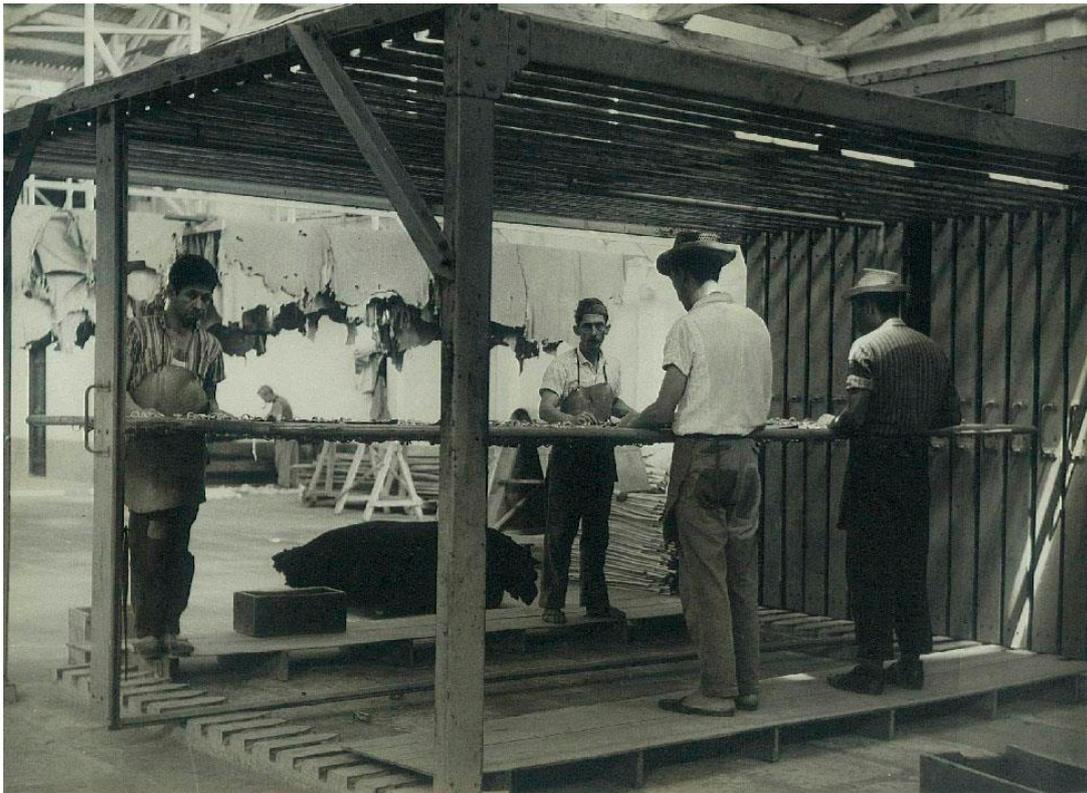


Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sr. Momberger teve a experiência de usar os tanques, pois explica que “É isto é.. são tanques é... com água... com água. Mas antigamente a gente usava bem, mas isso era. Eu peguei pouco essa parte, tinha que botar os couros dentro dos tanques para curtir, aí não era em fulão era né. Mas aqui é tanque de água” (MOMBERGER, 2022).

Em mais uma foto (número 17), há pessoas trabalhando em volta de uma mesa.

Figura 17: Curtume Momberger



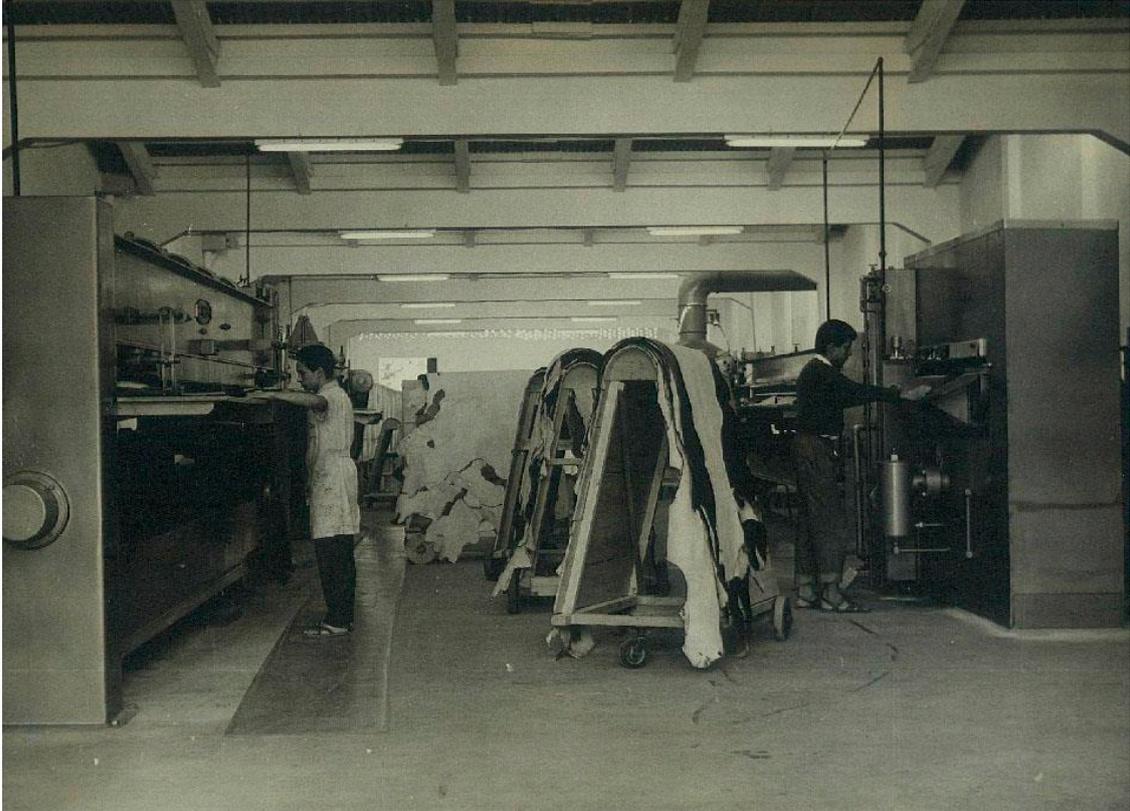
Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sobre este cenário, ainda em 1950,

Esse aqui é, se chama como é que é pra secar o couro, mas como é o nome disso aí agora hein. Se bota aqui e espicha e tudo, e bota aqui pra dentro que aqui dentro tá quente né, entende. Daqui a pouco nós vimos aqueles que eles botaram assim, é um tipo de couro, e aqui é o couro já mais é, napa é aquele couro bem macio assim pra vestimenta e tudo, aí não pode botar naquelas chapas que nós vimos. Esse é colocado assim então bota, vira e encaixa lá dentro né. Isso é. Estufas, estufas de couro né pra. É o tipo de uso e o tipo de curtimento que ele foi né. [...] pra deixar ele, ele é aberto mas tem que é, botar aqui e.. como é que a gente não enxerga, mas é que fixado e coloca ali pra dentro para secar bem ele... (MOMBERGER, 2022)

O couro também podia ser estampado, para tanto era usada uma máquina de estampar (Figura 18). Uma das estampas era a de jacaré, que servia para fazer bolsas e calçados.

Figura 18: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Aqui já são as máquinas de “estampar”, como vou dizer é “stampadeira” né, eles tem um, como vou dizer é aiai, mas muitas vezes a gente é, bolsas assim com o aspecto de jacaré né. É sim, então tem tu bota pra dar é pra esse imprimido né. (MOMBERGER, 2022)

Figura 19: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

A foto anterior, tirada em meados de 1950, mostra alguns trabalhadores e trabalhadoras pintando o couro, em seguida, o material passa por dentro de um equipamento com ventilador, para que saia seco. Nas palavras do Sr. Siegfried (2022), “Aqui de novo tá vendo aqui tão pintando aqui, e tá vendo que entra aqui e sai seco lá do outro lado. Viu bem no começo. É por ali. Aqui é quente e vento do ventilador. Porque o couro por aqui tá molhado, e sai seco lá do outro lado”.

Na imagem a seguir, o processo ilustrado é o de espichar o couro, que era colocado em gavetas verticais, organizadas lado a lado.

Figura 20: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Segundo entrevista, “é aqueles que te falei que espicha e coloca cada cada gaveta assim é um couro espichado lá dentro pra secar né” (MOMBERGER, 2022).

Como se pode ver até aqui, muitas máquinas e equipamentos diferentes eram usados nos curtumes, e, com o passar do tempo, eles foram se modernizando. A seguir, aparecem três maquinários, sendo o do meio mais moderno que os das pontas.

Figura 21: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Sobre essa foto tirada, provavelmente, no ano de 1950, Sr. Siegfried (2022) explica que

Estas aqui são as máquinas mais antigas, essa aqui no meio já é mais moderna, essa aqui tu bota o couro e ela já vai [refere-se a máquina do meio, mais moderna]; já este aqui [máquina à direita inferior da fotografia] tu já tem que segurar e ajeitar. Este aqui [máquina do meio, mais moderna] essa máquina aqui né.

Mais uma tecnologia da época era a escarnadeira, usada para “tirar as aparas, os restos de tudo, às vezes tem um pouquinho de carne ainda, que foi quando saiu do boi, o cara não tirou tudo.” (MOMBERGER, 2022). Dessa forma, o maquinário, visto na imagem a seguir, servia para tirar a carne que ainda estava presa ao couro, de forma que a pele ficasse limpa.

Figura 22: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Seguindo a exposição de fotos, encontramos uma em que aparece uma máquina de dividir sendo manuseada por dois funcionários, cujos nomes são lembrados pelo Sr. Momberger.

Essa é a “máquina de dividir” né. Aqui é o tal de Guiomar Ferraz Leite [refere-se ao primeiro funcionário na fotografia], e esse aqui o nome dele é Bruno Lemmertz de Portão [refere-se ao segundo funcionário na fotografia. Eu tô me lembrando desse nome rsrs [risos]. Esse aqui já é falecido [refere-se ao Guiomar Ferraz Leite]. Esse aqui nunca mais vi [refere-se ao Bruno Lemmertz]. (MOMBERGER, 2022)

Figura 23: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Na foto seguinte, é possível ver Siegfried Momberger, que diz, ao ver a imagem,

Esse aqui é meu irmão Frederico que é falecido [refere-se ao homem de óculos, calças compridas, mão dentro do bolso da calça, ao centro da fotografia mais à direita da fotografia]. Seu Osvino. Aquele ali sou eu, o terceiro. Aquele setor ainda tem as “rebaixadeiras” né, pra deixar o couro parelho é. (MOMBERGER, 2022)

Figura 24: Curtume Momberger



Fonte: FEEVALE (2020-2021)

Até aqui observamos diversas imagens retiradas do acervo do Curtume Momberger e as relacionamos com as entrevistas de várias pessoas que vivenciaram os processos da época. Levando em conta, o relato germânico do Sr. Siegfried Momberger – herdeiro do curtume Momberger –, do Sr. Ari Joaquim da Costa – trabalhador negro –, e do Sr. Valdemar da Silva – modelista negro, com uma vasta experiência na indústria coureiro-calçadista – confirmamos a presença de negros na indústria de curtumes, porém nas fotografias do acervo não existe esse registro, haja vista que apenas aparecem pessoas brancas, sendo alguns deles de origem germânica.

A partir dos conjuntos de imagens analisados neste projeto de pesquisa, podemos perceber que o Sr. Siegfried Momberger reconheceu e lembrou as funcionalidades dos maquinários utilizados, sua função e desempenho no tratamento dos couros. Além disso, mencionou a época e a localidade do curtume, pois a empresa

da sua família tevedois endereços, primeiro foi instalado na rua General Osório, no bairro Hamburgo Velho, e depois mudou-se para o Kephass, na Vila Diehl.

Momberger também lembrou e identificou, ao ver as fotografias, os funcionários da época e seus parentes (tios e irmão), até mesmo se viu em alguma imagem, demonstrando ter uma ótima memória, mesmo com a passagem do tempo e já sendo um idoso.

Dados os registros das décadas de 20 e 50, sabe-se que muitos maquinários já não existem e muitas das pessoas presentes nas fotografias já faleceram, por isso manter essas fotografias é muito importante, pois é uma forma de eternizar momentos, fatos e processos. Por outro lado, as imagens não dizem muita coisa, por conseguinte as memórias das pessoas envolvidas precisam ser coletadas, reforçando e esclarecendo fatos. Assim, torna-se muito precioso cada relato de trabalhadores dos curtumes, pois são experiências e memórias sobre o trabalho e o social que somente quem esteve nesses curtumes sabe e, dessa forma, conhece as dinâmicas que o envolvem.

Em relação às crianças mostradas nas fotografias, Sr. Siegfried relata que não trabalhavam menores em curtumes naquela época, porém, ele próprio e outros dos nossos personagens começaram a vida trabalhista ainda crianças, aos 11 anos de idade, como relata Sr. Flávio Elias da Silva, que trabalhou toda a vida em fábrica de calçados, e Sr. Valdemar da Silva, que também que foi modelista de calçados e começou a trabalhar perto dos 12 anos de idade. Esses são relatos de trabalho infantil em indústrias do setor coureiro-calçadista de Novo Hamburgo.

Quando foi perguntado se havia trabalhadores negros nos curtumes, Sr. Siegfried disse que sim, porém nas imagens não vemos esses trabalhadores, assim temos a invisibilidade do trabalho negro nos registros documentais e acervos fotográficos específicos do curtume Momberger, contudo temos a visibilidade do trabalho negro em curtumes da região através das narrativas orais, conforme as entrevistas mencionadas nesta monografia, como a do Sr. Siegfried Momberger, que relata que houve funcionários negros em curtumes, além do relato do Sr. Valdemar da Silva, que narrou sobre as vivências e o cotidiano de seu pai, que trabalhou toda a vida em curtume, sem acesso aos equipamentos de proteção adequados, sofrendo uma exposição prolongada a produtos químicos usados para o tratamento dos couros, ficando até doente em decorrência desse procedimento.

Diante disto, percebe-se a relevância deste tema, assunto que envolve a memória e o registro oral, visual e escrito da história, importante para a sociedade

brasileira. Foi a partir do acervo do curtume Momberger e dos nossos personagens, com seus relatos orais de um momento histórico anterior ao presente, o qual não vivemos, que podemos saber mais sobre a indústria coureiro-calçadista, na região do Vale do Rio dos Sinos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos dos trabalhadores negros do setor coureiro-calçadista e da Vó Nair, uma benzedeira negra, neta e filha de ex-escrava, abordados nesta monografia nos remetem à questão transgeracional e geracional dos pais dos entrevistados que migraram de São Leopoldo, Morro dos Bois, para Novo Hamburgo na região do Vale do Sinos, onde residiam os imigrantes germânicos que tinham escravos. Mostrando que as migrações sociais, as trajetórias sociais e as redes de contato social se cruzam, pois vieram da mesma região, a maioria deles de São Leopoldo, lembrando que, até 1927, Novo Hamburgo era distrito de São Leopoldo.

No contexto histórico temporal do ano de nascimento dos entrevistados, provavelmente os seus pais foram escravos ou escravos libertos pós-abolição dos imigrantes alemães quando Novo Hamburgo ainda era distrito de São Leopoldo.

Ressalvamos o relato do seu Flávio Elias da Silva que contou que uma vez fora contratado para trabalhar num curtume, mas não aguentou as situações em que os couros chegavam, então desistiu de trabalhar no curtume. Todavia, no relato de seu Valdemar da Silva, que trabalhou ao longo de sua vida em fábricas de calçados, exercendo a profissão de modelista e técnico em calçados, mostra que ele tem um conhecimento de toda a cadeia de produção calçadista, conhece os couros para cada tipo de calçado, viajou para outros países, ascendeu em um ramo de predominância alemã e trabalhou com os alemães na região.

Entre os trabalhadores negros entrevistados para a monografia, está a Vó Nair, mulher, neta e filha de escrava. Vó Nair trabalhou na casa dos donos de curtumes e de indústrias coureiro-calçadista de Novo Hamburgo, e ainda atuou como benzedeira, herança de sua ancestralidade negra.

O registro da narrativa biográfica de Vó Nair insere-se no contexto de preservação dos saberes e fazeres dos grupos étnicos da cidade de Novo Hamburgo, pois sua profissão era benzedeira, e sua história e experiência de vida vai ao encontro da experiência de vida da sua mãe e dos pais dos outros personagens que, após a escravidão, começaram a trabalhar para as famílias descendentes de imigrantes alemães de Novo Hamburgo, dando continuidade ao “sistema escravista” ao residir em um quarto na residência dessas famílias.

A Vó Nair foi a primeira mulher negra, em Novo Hamburgo, a construir sua vida trabalhista e profissional e deixar o seu legado marcado na minha memória e de tantas outras pessoas brancas e não brancas pelas suas benzeduras.

A Vó Nair e o seu Joaquim da Costa já faleceram, mas, assim como os demais personagens entrevistados, deixaram seu legado por meio das memórias orais utilizadas nesta monografia.

As memórias dos maquinários e funcionários registrados e eternizados pelo nosso projeto de pesquisa com o acervo do Curtume Momberger, são relíquias e tesouros juntamente com os relatos orais dos nossos personagens de um momento histórico da formação e do progresso de Novo Hamburgo.

Os relatos orais dos personagens alemães, como o Sr. Siegfried Momberger e do seu Adolfo Antônio Klein, descendentes dos imigrantes alemães nos mostram que os alemães tinham escravos na região do Vale dos Sinos, que sofriam castigos, e que havia trabalhadores negros nos curtumes e fábricas de calçados da região. Esses trabalhadores negros ajudaram a construir as paisagens, o progresso urbano e industrial de Novo Hamburgo. No entanto, não aparecem nos relatos orais dos imigrantes alemães dos nossos personagens das entrevistas ao longo desta monografia, nem nos relatos oficiais da historiografia, da história de Novo Hamburgo e do Vale do Rio dos Sinos que é marcada pela herança cultural da imigração.

O relato do seu Ari Joaquim da Costa revela que negros só trabalhavam em curtumes, não em fábricas de calçados, mostra uma visão de uma época marcada pelo sistema escravista, moldando comportamentos, preconceito e um racismo estrutural permanente no Brasil mesmo no século XXI.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléia. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 3ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: História e Imagem**. São Paulo: Editora Edusc, 2004.
- FEEVALE. **Coleção Memórias do Setor Coureiro Calçadista, 2020-2021**.
- GOFF, Jacques Lee. **História e Memória**. 5ª Ed. Campinas. SP: Editora da Unicamp, 2003.
- ISABELLE, Arsène. **Viagem ao Rio da Prata e ao Rio Grande do Sul**. Brasília. Conselho Editorial, 2006.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ª Ed. Rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- KUHN, Fábio. **Breve História do Rio Grande do Sul**. 3. ed. atual. Porto Alegre, RS: Leitura XXI, 2004.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história, interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98
- MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998.
- MONTEIRO, Charles (org.). **Fotografia, história e cultura visual: pesquisas recentes**. Porto Alegre: EDPUCRS, 2012.
- NUNES, Margarete Fagundes; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; FIGUEIREDO, João Alcione Sganderla. Memória do trabalho e memória ambiental: as indústrias de curtume do Vale do Rio dos Sinos/RS. **Rev. Bras. Estud. Urbano Reg.**, 2019, vol.21, n.1, 01 janeiro 2019, p.173-188. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5741>. Acesso: 3 abr 2023.
- PORTO, Aurélio. **O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora e Gráfica Terezinha, 1934.
- PRODANOV, Cleber. FREITAS, Ernani. **Metodologia do Trabalho Científico. Métodos e Técnicas de Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2.ª Ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013.
- SAMAIN, Etienne. As Peles da Fotografia: Fenômeno, Memória/Arquivo, Desejo. **Visualidades**, Goiânia, v.10, n.1, jan-jun 2012, p. 151-164.

TORRES, L. H. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). **BIBLOS**, [S. l.], v. 16, p. 177–189, 2007. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/421>. Acesso em: 27 maio 2023.

TRAMONTINI, Marcos Justo. **A escravidão na colônia alemã** (São Leopoldo – primeira metade do século XIX). 2000. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/jornadas/1/s5a3.pdf>. Acesso em: 01 abr. 2023.